

# $\frac{1}{2}$ dia $\frac{1}{2}$ noite

róger albernaz de araujo

róger albernaz de araujo

## **½ dia ½ noite**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Tadeu

Porto Alegre

2007

róger albernaz de araujo

## **½ dia ½ noite**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tomaz Tadeu

Aprovada em 17 de agosto de 2007.

.....  
(Prof. Dr. Tomaz Tadeu – Orientador)

.....  
(Profa. Dra. Sandra Mara Corazza)

.....  
(Profa. Dra. Silvia Balestreri Nunes)

.....  
(Profa. Dra. Cláudia Perrone)

.....  
(Prof. Dr. Alexandre Henz)

## agradecimentos

a  
tomaz tadeu,  
sandra corazza.

a silvia balestreri,  
cláudia perrone e  
alexandre henz.

aos  
colegas de orientação e  
de linha de pesquisa.

ao  
programa de  
pós-graduação em educação.

aos  
amigos  
paulinho, vera,  
claudinha, jerri,  
hugo, luciano,  
marilu, márcio.

aos  
meus pais,  
irmã,  
filhos  
e esposa.

## resumo

Uma educação por entre as linhas. Uma multiplicidade de textos. Frequências díspares e sonoridades singulares. Este é o jogo. Intercessores são secretamente convocados. Gilles Deleuze e Félix Guattari. Samuel Beckett. Antonin Artaud. Virginia Woolf. Henry Miller. Franz Kafka. Maurice Blanchot. Friedrich Nietzsche. A cada repetição uma diferença de intensidade. Linhas que atravessam um tempo, uma vida, um pensamento. E o jogo continua. Mais intercessores são chamados. Clarice Lispector. Fernando Pessoa. Roland Barthes. Mikhail Bakhtin. E outros tantos, mais imperceptivelmente, quem sabe. E os conceitos? Talvez se encontrem ali, transversalmente às linhas do texto. Mal vistos? Mal ditos?

Palavras-chave: agenciamento, multiplicidade, educação, escrita.

## **abstract**

An education between the lines. A multiplicity of texts. Mismatched frequencies and singular sonorities. This is the name of the game. Intercessors are secretly summoned. Gilles Deleuze and Félix Guattari. Samuel Beckett. Antonin Artaud. Virginia Woolf. Henry Miller. Franz Kafka. Maurice Blanchot. Friedrich Nietzsche. With each repetition a difference of intensity. Lines which traverse a time, a life, a thought. And the game goes on. New intercessors are invited. Clarice Lispector. Fernando Pessoa. Roland Barthes. Mikhail Bakhtin. And so many others, more imperceptibly, who knows. And what about the concepts? Maybe they can be found out there, cutting the lines of the text. Ill seen? Ill said?

Key-words: assemblage, multiplicity, education, writing.



# 1

Cabeça pesada. Peso do mundo por sobre. Um si! Buraco não tão bem fundo. Doía menos assim! Olhos parados. Escondidas viagens da vida. Trilhas perdidas. Finalidade qualquer!

Invisível sucumbia. Delírios sem pé. Sem cabeça! Levavam pra longe. Cheiro de lírios. Céu de três luas. Sol pouco brilho. Sem vermes. Sem fadas. Sem bruxas. Espelhos. Malvadas. Encantados. Nada lá! Vazio! Silêncio. Tempo sem conta. Portas sem chaves. Fechadas! Olhos abertos!

11 de abril. Não certa data. Há muito por lá! Cerca eletrificada. Nome vestiu número. Chamam um. Dois. Três. Chamam aquele! Passam outros. Esse. Essa. Outra. Rotina de dias. Ainda lá! Perdeu um desde uma segunda. Na primeira uma coisa. Acesso de fúria. Tinta vermelha. Quatro paredes. Teto. Sangue. Retas de cima e retas de baixo. Outros traços, curvas órfãs despidas. Letras borradas, vocábulos, uma adversativa qualquer!



## 2

Pinga um pingo quente. Procura um porto. Um ponto seguro. Esse distancia de um, de uma. Desfeita linha desfia longe. Procura desafia um horizonte. Um paraíso perdido. Cidadela bem cercada. Suplica um extravio. Cortesã de marés que vazam no vigor de ondas. Desfazimento do branco inerte. Destituição de um possível. Declive. Acontece! Isso! Sem rito. Nascimento em morte sem norte. Esse! Anunciado como contínuo desdenha um compasso. Assim! Sem passo, dispersa em ritmo. Nódoa composta em cidade na ponta do avesso. Também ritmo e cidade. Ritmo (cidade). Desvario imprevisto. Outro! Catatonia. Velocidade. Catatonia e velocidade. Veloz cidade. Catatoni(ci[veloci)dade)]!

### 3

sensação desconforto vazia sala iconecontendo fora  
eco ar fluxo vibra pressiona escuta resseca paladar  
gosto saliva gosto virisíveis monstros invisíveis matéria  
impura pura velocidade semluz produz dizduz cor i-  
naudível véu longe passo prolifera roda gira evade ecoa  
nuvem corpo gradiente cidade fluxo afasta desfaz longe  
move mente anda tropeça trapaça tem indo sopra tro-  
peça perto horizonte brecha intransponipossibilidade  
sino sepulcro revolta maré onda anda pensa foge indo  
pinga anda pinga quente sangue ar abala sobe salta  
engasga rota traça troça troca enxota respira repinta  
repisa nasce desgarrar crava crema não filia ação tece  
rito cria ação cuspe indo aborta acontece morte mente  
vida desespero grito boca orelha fora ritmo indo borrão  
avesso não lado indo acaso inventa trilha rasga cami-  
nho afasta diminui afaga aponta acontece susto esco-  
lha abelha cavalo trote vôo mapa torna ponta trança  
fecha descobre abre fecha descalço passa chega outra  
anda aguça deseja experimenta ar prova povoa anda  
terra árido movediça tropical úmida virgem ensolarada  
sorte indo zindo perde busca perde anda busca morde  
morte anda busca infinitivo atrativo vassoura bruxa  
magia fogueira vassoura magia compõe cria anda bus-  
ca dispõe anda busca move conta anda indo volta  
chora anda indo vida torna indo grita gira explode an-  
da indo volta indo vai indo torna anda onda volta vai  
indo onda volta anda

Um passo por vez. Uma correria ensandecida. Um tombo. Esconderijo. Uma saída e uma armadilha. Vida e morte. Sonho e sina. Noite e dia. Não tem receita! Não tem caminho mais curto. Não tem paisagem mais bela. Partes. Partes ao lado das partes. Faz parte. Faz-se em parte. Tem parte. Essas também! Outras. Partes que se encontram e se desencontram. Reencontros!

Quanto mais escuro talvez mais próximo. Acontecem. Encontros! Mais distantes. Intensos! Talvez! Mais perdidos. Alegres. Ou não! Chato seria, talvez rir o tempo todo!

Viver! Degustar a tristeza! Saborear os espinhos! Viver um idiota. Chorar insone de risos. Um bobo sem corte. Parado! Sentado ao pé do degrau. Choro solto. Cabeça à frente.

Quem sabe? Não se sabe. Quem sabe se desapareça! O que se vai encontrar não importa! Não se trata disso! Bate-se a porta. Beija-se um desejo de busca! Partida! Uma porta à beira da calçada.

Desconhecido ilimitado de sabor! Não falta! Falta nada! Sobra. Vida. Essa quer um viver! À frente sem traçado. Alguns traços. Rabiscos. Intenso derramado sobre olhos que cegam um pensamento pensado! Instante em queda-livre. Precipícios de um desconhecido informe. Parado!

## 5

Nebulosas retirantes. Moléculas oscilantes e constantes variantes. Trajetórias aleatórias. Conflitos. Sinuosas contravenções e outras questões e outros planos. Um aprender inacabado, anexo incluso às criações e às criaturas que produz. Membrana fina de um entre as partes. Um tonto homem um tanto mago um nato rato uma matilha lobo uma mistura-monstro de um tudo e de um nada que se embrenha em fio a tudo impregnar.

## 6

Exageros não mudam as coisas! Fala-se demais. Escuta-se de menos e só com os ouvidos! Poder-se-ia movimentar os olhos! Arriscar um outro olhar! Expandir as narinas! Procurar novos aromas! Saborear novos sabores! Outras cores. Coisas. Sons.

## 7

Conheço muita gente. Alguns escritores. Músicos. Pintores. Uns poucos filósofos. Houve um tempo que vinham me visitar todo dia. Pelo menos dois ou três por vez. As noites sempre foram mais solitárias. Aproveitava e me acompanhava de livros. Rabiscava algumas linhas e algumas cartas aos mais distantes. Tenho uma cheia. Outra com alguns livros mesmos que leio e releio. Precisaria de mais algumas gavetas!

Recebo cada vez menos. Menos tenho a quem ouvir. Escrevo. Escrevo. Escrevo. Leio. Leio. Leio. Escrevo. Leio. Leio e escrevo.

Faltam envelopes. Os endereços mudaram. Entre um e outro escuto música. Poesias. Vozes. Tenho tido alguns pensamentos intrincados, digo, fogem. Precisaria isso mais bem aproximar. Essas coisas. Falar e escutar. Sinto bem perto. Careço de ajuda com esse isso. Difícil juntar as idéias. Pedacos pululam. Movimento em constantes variáveis, muito pouco suficientemente claro, não um suficientemente escuro.

Sei que tens. Tens tuas coisas. Teu trabalho. Teus. Teus amigos. Teus. Teus amo-

res. Já não tenho! Não tenho claro o que tenho o quê. No que se pudesses emprestar uma ajuda. Seria algo bem rápido. Uma ajuda. Alguns minutos. Apenas uns poucos. Uma xícara de chá. Uma dúzia ou duas de frases. Cinco ou seis palavras. Umas escritas. Nada de espetacular. Um biscoito. Um abraço. Um. Um aperto de mão.

Estou certo que gostarias. Tenho a sensação que irias gostar. Acho que não poderias. Que irias não poder e agradeço em silêncio nas palavras que as gavetas conservam.

## 8

Cedo. Tarde. Mesma cama. Mesmo espaço. Entre um sobressalto escuta vibrar. Um ronco e um mesmo abraço. Pouso mesmo. Outro.

Amarela cortada em fatias espalha-se à Luz. Persiana entreaberta em retas de escuridão. Quarto perdido no oitavo de uma rua sem volta.

Mãos declinadas da sorte. Corpo caído. Cabeça de lado. Olhos laqueados. Luz amarela e lábios molhados. Persianas também. Dorme em um olhar amarelo envolto em amarelas persianas de amarelada luz. Dorme acordado, sentado, torto em tanta retidão.



Esses não se afastam. Confundem o permitido. Um corpo pensa o impedimento de um último. Necessidade. Passos pensam. Pensamentos passam. Soltas amarras e uma fresta aberta de uma outra. Névoa entre desígnios pronunciados.

Soletra-se uma entonação de cada. Um encontro. Um que possa desvendar um sentido das coisas escondidas, mal entendidas, soltas.

Final de tarde no mesmo quarto. Um caminho e uma chave e uma fuga. Quantas noites? Quantos dias? Uma vida emborcada no limbo de uma procura cinza. Branco escuro na sombra de um rio sem margens.

Tem uma que vem sempre em meio tom. Som rouco que por vezes desafina.

Sim! Não! Quando?

Uma vida. Muito movimentada! Dias cada vez mais curtos. Não satisfazem. Mais a fazer que o tempo a permitir. Toda noite a cabeça deita. Tenta uma análise do dia.

Escuto lamentos e repondo nada! Nada tenho a dizer! Ela continua. Continua. Sussurra ao pé do ouvido! Continua. Por que tenho a sensação de que fala para ser compreendida? De onde vem? Por que escuto essa voz?

Essa parece tão funda. Cheia de mágoas. Cheia de dores. De onde vem? Ressoa grave. Sinto uma flor e só toco os espinhos! Não consigo parar de escutar, e ela escuta um suspiro sequer.

# 11

Sem ter.  
Contínua por entre.  
Sem ponto.  
Somente semente fluída.  
Sem mente.  
Poderia não ter nascido!  
Sem pausa.  
Delira!  
Sem passo.  
Pensa em ter nascido palavra  
Sem rosto.  
Sorri.

## 12

Pensava brumas de um pensamento às escuras. Sombras de paisagens escondidas no beco da próxima esquina. Caminho sem escolta. Andarilho de um sem chão qualquer.

Rasgou umas de cada noite. Rasuras de um ao menos. Menos frase anoitecer! Deserto em folhas rodeadas por todos os lados. Cheiro fino cintilante diante dessa enlouquecida de um olhar vitrificado.

Isso! Foi só isso! Dizem. Gritou um pouco. Sem nexo. Um algo que não bem recorda. Dançou, pulou, rolou. Acordado em Sainte-Anne! Não um escritor! Menos daqueles loucos. Menos daqueles que a posteridade encontra atrás das portas! Menos daqueles em carne viva!

Foi ano após mês. 12 de abril. Explodiu em uma incontida. Retorceu de dentro. Esvaziou!

Tentava! Quantos ensaios? Perguntas? Frases? Teses de vida? Uma porta! Tudo mais de modo vago. Distante. Pensava! Uma terra. Geometria quadrilátera. Um quarto de ângulos retos ornamentados pelos passos de uma descoberta. Uma redoma. Um santuário. Um purgatório. Desejava fazer existir próximo. Tanto real. Ao menos assim parece.

Divisões sucessivas, disjunções, gerativos pedaços deixados pelo caminho. Cortes aleatórios de um não quadro. Quente mais longe, mais distante imperceptível um fio traz de volta. Outros deslizam, dissolvem, declinam para quem sabe um dia encontrar.

E menos a rua que arranha os traços comportados da calçada ao longo da rua. Menos ainda a rostidade em linhas contínuas e variáveis em infundados fecundos.

Cada vez menos e ainda menos e menos ainda. Paisagem que mistura a rua e os traços a cada um novo olhar e um outro. Antes e depois em um mesmo passo que se alinha e corre e corta intenso. Explode!

Presença impregnada do dia em um começo de noite! Insano silêncio, vazio, solidão. Ranhuras cortam o corpo, rasuras de imagens que fogem, sentado indo e vindo ao balançar da cadeira. Um olhar mira ao longe e não percebe tão perto. Travestida ansiedade sem nome. Sintoma de vida. Vidraça embaçada e alguns pingos de chuva. Um movimento. Geladeira. Abrir a porta. Retornar. Mais alguns passos. Banheiro. Água no rosto. Corre. Um delicado enxugar. Sala. Acende um cigarro. Um gole de café e um olhar outra vez perdido, absorto em nada. Uma fresta na janela e um momento de céu de tom cinzento na quase noite que se despede do dia que não vai.

## 16

Sinfonia de um viver. Tudo em um só tempo. Cada qual em vários tempos. Em cada parte. Em lugar algum. Pensamentos assombram lá no segundo. Algo sempre por fazer, por desfazer e refazer e em um minuto aquele já se faz distante!



Conserva à distância. Sem vida baliza um deslize. Cadência de espera. A porta tem olhos. Olhos ternos a lhe observar. Não tem boca. Atenta a porta insinua. Atraídos revezam. Olhos conservam distância. Um pequeno passo transformaria a geografia e distorceria a linha que aponta. Decomporia os desígnios e denotaria um outro espaço. Um outro tempo. Outros dias e diferentes noites, talvez.

Não essa vez! Hoje! Não. Sorri em diagonal com o espelho. Pouco tinha feito. Pouco mais que ontem, suficiente ponto de ter a fome diminuída. Fastio de pensamentos. Indigestos alguns! Pensava. Parado conseguira ir, vivo e veloz. Um gole de água. Travesseiro abraçado junto ao peito. Quatro horas. Três minutos a mais. Sem passo qualquer. Deitado. Dormia.

Vida louca fugitiva,  
enlouquecida brisa, discorre  
sinuosa às margens  
da solidão,  
ansiosa tropeça, hesita  
esticada um instante, excita  
um desejo,  
uma vida presente  
tênue em tensão!

Intensos instantes em variantes variáveis. Um impulso que faz alterar a frequência e inventa uma outra vida mais arriscada em um pensamento riscado em traços. Contínua variante que envolve trajetos. Abraços. Uma vida inclinada para um lado e para um outro. Movimento de um intenso em contato. Um e um e um! Quanto menos mais e mais e mais. Corta um corpo-vida que alastra e subsiste por entre. Envolve sem desenvolver. Dobra sem desdobrar. Espaço em celeridade. Dobra que segue dobra. Entre-dobra de um viver!

Não mais que um segundo.  
Fugiu! Dói demais ser um!  
Todo o resto tem tanto. Tanto  
que não cabe em si! Rumores.  
Resíduos. Brilhos informes.  
Realidade do dia anterior  
sucumbiu em um instante,  
sumiu no seguinte,  
desapareceu no contorno da  
promessa de não precisar  
ser cumprida amanhã. Me-  
nos ainda hoje que uma vida  
caminha alegre.

Provavelmente estejas muito ocupado. Digo por pensar que terias respondido minhas cartas em caso contrário. As coisas aqui continuam mesmas. Dias passam procurando noites e essas passam procurando dias. Vejo desencontros! Esses! Não tenho. Continuo sem ter com quem falar sobre isso. Esse isso mesmo que aquele de antes. Não outro. Não o mesmo assim. Um outro isso talvez. Isso desse isso tem me retirado o sono! Um sono insone. Parece tão claro! Segundo depois foge.

Durmo. Acordo ainda mais ignorante de quando. Toda noite acordado. Cometas de um lado pro outro. Vejo! As mãos não alcançam. Algo diferente acontece naquela zona indeterminada entre olhos abertos de visão clara e sono profundo que arrasta para uma terra sem chegada. Enxerga-se. Não consigo precisar o quê. Com o tempo talvez. Ou não! E continuam a insinuar as vias. E continuam mesmo quando não quero!

## 22

Livro sem capa.  
Rosto sem nome.  
Nome sem capa.  
Livro sem rosto.  
Um livro.  
Sem capa.  
Sem rosto.  
Sem nome.  
Um.  
Um rosto.  
Sem nome.  
Sem capa.  
Sem livro.  
Um.

Sexta-feira. 13 de julho. Nada importa o ano, um número. Nem bem sei o dia de hoje! Encontro-me sentada à beira da janela. O sol brilha e impõe uma quentura que abranda o frio do inverno. Estamos em julho! Na televisão imagens transitam na composição de uma cena cotidiana da novela da tarde. Estou em casa. Tarde. Todos os dias passam assim. Quantas tardes nestes últimos vinte anos. Tenho quarenta. Como passa o tempo! Parece que foi ontem! Estava sentada a namorar. Sonhava com um príncipe encantado e o cavalo branco. Tudo que poderia mudar minha vida!

Tenho um espelho em casa. Há tempos não olho pra ele. Penteio os cabelos. Lavo os dentes. Não olho pra ele. O espelho parece reservar um quê do que já passou que prefiro não ver. Fico triste. Não olho! Minhas tardes são tristes. O sol não esquenta minhas tardes. Tardes frias distantes do sol!

Pergunto como seriam as coisas se tivesse feito outras escolhas. Às vezes! Balanço a cabeça sem movimento qualquer. Faço passar. Afinal, A vida é feita de escolhas! Fiz as que cabiam. Devo arcar com as consequências! Agora, devo a elas! Não distancia a pergunta! Essa continua a sussurrar ao ouvido: como seria se tivesse tomado um outro caminho? Uma escolha! Um rastro de dúvida. Tenho muitas dúvidas! Ninguém pra conversar!

Pela vida se faz da morte um monstro. Da vida um médico. Do sonho um ópio. Da diferença uma aberração. Da estabilidade uma paz. Da identidade um ideal. Não se dorme. Não se pode. Primeiro fechar dos olhos estão lá. Vêm. À noite pela sombra. Cobram sua parte!

Equilibrar um sistema diz a sentença proferida pelo sistema. Não mais um. Espera-se um o. Aquele com nome e telefone! Sempre ao centro que cerca a terra ao seu redor. Preserva o corpo-vida. Determina. Realiza a prostração e esquiva um verme. Um desejo discorda. Silencioso discorda. Deseja! Escuridão. Contaminação de um corpo-sacro-santo de claridade. Do sistema planejado. Reversão do ideário. Esquecimento humano.

Quente um sol aquece o corpo. Precisa ser debelado! Dizem! Centros que rebatem um canto. Alta temperatura sem controle. Um canto! Precipita queimar. Salta em ossos pontiagudos. Carne humana. Disforme em sinistra repulsa. Reserva à vida a morte dolente. Água morna. Corpo reto. Promessa e fortuna mais à frente.



Morna. Temperatura do corpo. Àque-  
la herança da carne e do sangue. Ne-  
cessário! Dizem outros. Apagar o fo-  
go! Aquecer o frio. Extinguir o gelo.  
Preservar o corpo. Não um. Definir  
um indefinível! Quanto esforço hu-  
mano em nome dos direitos à vida.  
Direitos humanos! Divinos? A morte  
não liga! Pra ela a liga não liga. Man-  
tém passagem pelo caminho. Um elo.  
Entre a partida e a chegada. Entre a  
vida e a morte. Sabe um que não fala.  
Última parada se fará sua! Talvez a  
primeira! Começa pela vida. Mesma  
vida que mata um pouco a cada dia.  
Também pela morte. Começa e per-  
dura sinuosa, amante silenciosa.

Escutava no ar uma voz. Vozes revoando sem asas em jalecos brancos. Olhos calmos. Pedras brancas. Um canteiro negro. Cerco completo por todos os lados!

Dizem teria um padrinho. Encantador um homem! Quanto lhe presenteou um livro! Quantas praças! Tardes quantas! Quanto entardecer! Não se esquecia do chá! Cinco horas exatas! Primeiro gole. Aquele aos borbotões. Mesmo horário um movimento de bochechas, um agrupar de lábios em tom sonoro de gosto pleno. Poema a derramar orelhas!

Não gostava de chá! Ele! Tentou as cinco, seis. Onze. Onze e cinqüenta e nove e nem! Não perto um ponto. Linhas. Umas de tempo emaranharam dias e noites enojaram noites umas!

Teria uma madrinha. Dizem! Via pouco. Sempre distante em casa no que lá passava. De não chá também gostava! Boca em vermelhas frases sinuosas e um abusante andar! Arfava um nas imagens recém colhidas! Ah! Escapavam gritar querer!

Tempo implicado. Corroído. Calafrios passam! Endurece a carne humana. Gelo. Perigoso um frio intenso beijando um corpo de frio encorpado. Caso em quê um abalo externo pode insinuar colidir. Sentenciar um trincar dos músculos intumescidos. Deflagrar um prelúdio. Ajoelhar em incontáveis pedaços de carne e derreter aos pedaços. Quadrados. Líquido a mais vermelho corre sobre a carne. Branca terra! Celestial sedenta em funcionalidade santa. Essa não se absteria de engolir. Deglutir. Ruminar cada saliência roçando os beijos lambidos em um som conhecido. E engoliria sem dó.

Uma pequena fresta sustenta a janela entreaberta. Ao fundo a televisão ocupa um silêncio. Um movimento de certo tom. Duas poltronas de espaldar alto assistem solitárias a imagens que cintilam no noticiário. Pulula uma linha de fumaça sinuosa. Um cigarro debruçado em um cinzeiro de argila. Toda imagem desenhada ao redor de uma antiga escrivaninha ancorada à parede. Uma suave luz bem focada contorna duas mãos. Um deliciar por entre cores de vários pincéis. Uma instância vida-noite.

Uma porta se abre. Uma porta se fecha. Pequenos passos ritmados por um breve suspiro. Um anúncio. Uma torneira aberta incita um fluxo. Contínuo que pelo ralo trai o olhar. Esse não lhe pode acompanhar. Interrompido. Outro som criado nos confins de um dentro que torna a superfície na mistura de uma tosse escarrada. Também se esvai. Execração de um elemento indefinido que se faz sobra. Vai. Por usurpação. Ocupa o mesmo caminho. Também se vai.

Debruçado próximo à janela um pincel na vertical tilita em um pote de vidro. Encontro que faz ribombar uma linha aguda de um tom. Uma recente estocada embaralha o colorido em estilhaços que vazam. Composições de ondas revolvidas em vários sons. Figurantes deslocamentos a agenciar um intenso no ápice de sua maquinação.

Na parede quadros. Derramam em pencas. Cor que escorre pela parede em tom de rosa. Vestimenta solitária de um só tom. À mesa uma caneta dança. Tinta que derrama um que passa. Um apartamento. Noite. Talvez não mais que um minuto. Talvez menos. Um instante. A caneta acorda! Esfrega os olhos. Confusa. Assustada. Retira-se do papel. Em suspenso palpita. Afasta e vai. Resta um silêncio. Um vazio. Uma distância que esquece quando a janela se fecha. Dois olhos reviram suas órbitas no fora e correm atrás das linhas em vestes de palavras soltas. Elas lhe fogem!

Um jogo de ombros. Um tique. No trem que parte com destino a um território vago desperta o pensamento que se põe em marcha. Encoberto por névoa úmida e fosca. Não tem prazer em ouvir a própria voz que escreve! Sussurra! Pensamento tímido. Não acontece com a mesma sensação que vibra nas palavras pronunciadas boca a fora. Mais bem se faz em silêncio e na solidão. Ensurdecer os ouvidos. Descarrilamento no auge de uma apreensão afrouxada de tensão. Instigar de um vazar dos líquidos salivares e das vibrações auditivas que articulam e lubrificam a enxurrada de afectos que se fazem proliferar em um por vir. Circunda e contamina. Incita e se excita. Isso que se amplia e explode nas franjas de um improvável. Troca de cor e de tom. Invisível. Esse lhe decompõe. Um esse indefinível. Sem corpo encarna uma intensa variação do impossível e faz do esse um isso e do isso um esse sem fim.

Muito barulho à volta. Bolas. Bicicletas. Zuni-  
dos. Gritos. Mesmo tempo. Juntos! Ambiente  
de pura anarquia. Não funciona em lembran-  
ça. Tem vida. Muita vida. Saudade? Sim! Lem-  
brança? Não! Já fora! Já se fora! Jazia e ia fo-  
ra. Lembrança.

Jaz! No céu uma flecha de intensidade brilha-  
nte! Colorida. Sonho real de um inaudível sono-  
ro. Substâncias e fragrâncias. Conteúdos e ex-  
pressões. Sonhos insones! Funcionar que con-  
juga um alegre infinitivo sensível. Invisível!  
Perde a noção tempo. Irrefreável. Individuação  
de uma memória viva. Máquina de fabulação.  
Pêlos ouriçam. Garganta resseca. Um inevitá-  
vel sentir deságua no aroma infantil. Corte i-  
nesperado. Cheiro de terra molhada! Sensação  
deliciosa. Canto molhado de uma boca assim.

Uma tez de chuva escorre. Cabelos molhados  
rasuram marcas na face. Pingos adornam um  
canto do nariz. Invadem a língua extasiada.  
Gosto salgado a temperar um beijo de vida!  
Suor e água cristalina. Infinito deserto ao final  
da rua calçada. Tem tempo. Tão agora! Quanto  
tempo? Quanto passou? Passara? Tempo. Pas-  
sou. Quanto? Passará!

Tão próximo veste a cor de ontem.  
Minuto apenas. Esse passou. Agora  
faz. Um tempo. Gosto vivo de um  
viver. Palavras tentam. Não tocam.  
Tentam! Quadros não se fazem do  
que foge. Talvez mais. Outra coisa.  
Menos fixa. Passante! Daquelas  
que evaporam. Não um quadro da-  
queles mortos na parede. Parado!  
Também desses! Com um pouco de  
um outro que lhes tire do lugar.  
Olhos que pisquem. Entreabertos  
na claridade que empurra. Na pe-  
numbra que sussurra. Um pouco  
aqui. Outro mais ali. Ainda mais  
além. Lá. Sobra. Um borrão que  
sobra!

Água no chuveiro se faz cruzar. Molha o cabelo e escorre pelo rosto. Escorrega ao lado do nariz e se esvai por entre os lábios. Tomba ao tomar o chão e fazer produzir um estrondo de cheiro com gosto de sal. Mãos em direção aos ouvidos. Sacode a cabeça. Contrai as pálpebras. Sela os olhos. Aonde? Aonde ainda? Um clarão e um zumbido percorrem o corpo da cabeça aos pés. Espinha estraçalha. Pequenos ossos se misturam aos pingos que caem. Fragmentos vários. Pernas afrouxam. Braços abrem. Descompassados. Mãos mergulham. Pesadas. Puxam o corpo que verga. Despençam. Cabeça acompanha. Cai inclinada. Beija o chão. Corpo que cai. Clarão que escurece. Cheiro que cessa. Zumbido que esvai. Um estrondo. Um gemido. Um silêncio se vai.

Ainda lá! Estendido em meio aos pingos. Não contém seu curso. Mistura-se ao sangue que verte da fronte estraçalhada no lóbulo esquerdo superior. Seria? A posição não ajuda. Falta clareza. Entendimento. Uma cena confusa. Uma cena! Necessidade de outro olhar. Explicar. Invadir. Confiscar o tempo. Transbordar. Impor aos olhos que saltam. No corpo um giro. Trezentos e sessenta graus exatos. Órbita completa. Reconhecimento inevitável. Tudo muito liso. Reivindica. Rugas. Algo que prenda. Que pare. Buracos. Chega! O corpo já não agüenta. Esse já não.



Primeiro a morte, depois a vida e novamente a morte. Mesma partida. Mesma chegada. Por entre a possibilidade aberta de reverter ao limite à impossibilidade de afastar a sorte. Mundo limitado que de olhos abertos tem-se em vida. Vida vista turva e ofuscada pela claridade do centro sol brilhante nas alturas. Quanto mais longe alcança o olhar menos se tem preciso um próximo passo. Vê-se um distante perdido em quimeras. Bem não se pisca e os pés enterram na lama. Sucumbem aos buracos. Desenham-se mapas de um jardim florido. Horizonte pretendido onde a palma do pé toca o chão. Uma necessidade de olhar reto. Parece! Olhar de cabeça em pé. Peito pra fora! Barriga encolhida! Ar de bravata! Passo firme! Ângulo mesmo na abertura das pernas. Seqüente trespassar que leva à frente. Movimento estável. Altivo. Clímax do perfeito pensante. Tudo reverte com a noite que retira dos olhos a claridade que esse tem por divina. Sem horizonte distante possível de ser visto toma a horizontal. Fecha os olhos e dorme. Por fim! No fim de cada dia um noite pra descansar dos passos. Diluir visões. Pouco de um vivido! Pouco para um mínimo sorriso!

Não interessava se planados e suaves ou intrincados em manobras radicais de alta velocidade. Nada podia antecipar. Exalando o gosto incontido de poder jogar outras vezes afirmava o desejo de poder criar outro viver na vida que lhe detinha. Criar outros. Atravessar e ser atravessado na composição de lances inusitados. Misturar-se a vida. Cravar as mãos na terra e amparar os pés em pleno passo em direção ao limite. Lamber-se com os fluxos passantes que lubrificam os corpos e se colocam em jogo. Jogar com a vida sem espírito de jogador. Sem espírito! Afirmar a intensidade do desconhecido na afirmação de um instantâneo desinteressado de um resultado. Desinteressado do número determinado. Desinteressado da obrigação de ser.

Corta o céu um vento que acompanha a rua e assovia ao se fazer passar. Árvores dançam alegres ao brilho da lua no ritmo que envolve o ar. Ritmo frenético. Sinfonia dos espaços. Passos sem poder parar.

Mariposas noturnas em coreografia circense. Revoam em torno ao luar do sol. Esgueiram-se à penumbra. Sombra de sombras a bailar. Descarrila a procura de um modo. De um lado ao outro batendo asas. Velozes contornam os galhos. Movimentos espiralados. Planados. Rasantes. Folhas verdes agrupadas em porto seguro! Milhares em um informe desenho. Desenho vivo que explode na claridade do ar!

Não bem ao longe. Ao largo. Tão pouco organizado que se possa nomear lado. Um prédio. Antigo tem a imagem de querer dançar. Mãos dadas ao vento. Amontoadado de concreto que ensaia alguns passos. Almeja rodopiar. Ouriça as estruturas escuras. Construção estreita e muito alta, perfurada por pequenas aberturas brancas. Salta! Um desenho claro e um isso que beira um trágico!

Cada nova rajada penetra os poros. Negros. Emerge em um semblante atual. Anuncia um desfalecimento. Imagem grotesca faz passar uma sensação. Instante que a qualquer instante retrainá todos os tecidos em crise e sem prévio aviso acabará ao chão em amontoadado de tijolos. Ferros e pó. Muito pó!

Duas mãos estendidas apontam por sobre a cabeça e indicam a imensidão do céu. Unhas brancas arranham a textura plástica. Pontiagudas. Escavam marcas na placa acrílica. Lado de uma visão!

Espessas mãos espalmadas. Entre si uma arma apontada em direção ao paraíso. Separados. Conjunto. Pulso. Braço. Antebraço. Articula-se em um contorno que contrai o escapular! Expande a névoa que veste a pele fria. No relance um ponto foge. Faz linha por fugir. Escapa no traçado de um instante. Embaralha os olhos. Faz descarrilar.

Quantos dedos em cada mão? Quantas mãos? Duas? Afinal! Imagem escolhe na diferença de angulação que aniquila! Um vulto insólito escapa por entre os dedos. Jorra face abaixo. Lágrimas que ao distanciar do céu angelical perdem-se na terra árida e anulam-se na eternidade.

Declina de um esperado. Desacorda. Um instante igual em ordem a tantos outros quaisquer. Passados. Futuros. Tempo investido que subverte o anunciado. Natureza emoldurada pela quebra da linearidade aguardada. Infinitésimo fragmento. Deleite do prematuro. Por mais que lhe façam encubar o corpo não lhe irão aprisionar isso que foge. Esse nasceu errante. Viscoso escorre e vaza.

Já não eram horas quando com a boca seca de um recém acordar se revirou por entre as cobertas. Esticou as pernas e os braços. Um espasmo de preguiça. Desdém um ar de quem tempera de descaso o nascer. Mais um dia. Menos um. Quantos outros antes! Tidos! Quantos outros! Por vir.

Imagem passava de baixo pra cima. Da esquerda pra baixo. Diagonal torta. Difusa. Confusa! Repetição de tantas outras! Preenchiam tanto os dias. Desde há tanto. Pensava!

Imagens retorcidas. Embaçadas. Traços indefinidos. Risco em um contexto abstrato. Arranjos coletivos! Fuga por mil cantos. Assombra a cultura! Assusta o nome. Intenta contra um viver ao nomear vida!

Abre as pálpebras. Uma insignificante fresta. Lentamente. Disfarça a claridade que cega. Pouco a pouco faz o reconhecimento do corpo. Cumpre um rígido ritual de cada nova velha manhã. Verificar cada órgão. Verificar a presença de um corpo. Presente respondia um! Um corpo presente!

Sempre nunca, nunca sempre, a nuca torce subsume tensionada, nada e nunca e sempre, nada torpe um corpo que sobe a superfície sucumbe à claridade que tinge os olhos de um suspiro sempre nunca a nuca gira, retorce, distorce, continua, continuam os olhos e a nuca nadando a superfície turva, tensão de um espaço tempo tensionado e um tronco ereto que sustenta a superfície santa do corpo santificado, tanta tensão, sublimação e a superfície sustentam sempre o nunca que jamais existiu e nas sombras sucumbem sem sentido sem sensação sem sombra sem clarão sem e sem e sem e ainda assim diz sim ao que não tem, diz não ao que detém e não confirma a coisa, dissimula sempre e retorce distorce e continua e continuam os olhos e a nuca do dorso da cobra sedenta, trincheira da taciturna terra sempre nunca, sempre dia, sempre noite, nunca dia, nunca noite, nuca atrás a frente os olhos acima o céu, abaixo a terra e de tudo todo minuto presente tem valia finalmente!

Já eram horas! Mais que tempo de vestir-se. Acordara. Esticando o braço recolhia a toalha. Vermelha. Esquerdo. Enxugava o corpo desde os pés. Passava pelo pescoço. Braço. Antes os cabelos caídos ao rosto. Compridos. Um banho. Fizera bem. Voz alta. Pensava. Uma velha canção. Cantarolava. Caminhava de volta. Sempre uma volta! Quarto. Cama. Um quanto mais perto. Aproximava. Aumentava o ritmo. Erguia a voz. Intensa canção. Percorria a trilha. Até o roupeiro. Canto de garantia. Entrada do castelo. Salvo retorno. Desde muito cantarolava. Funcionava. Retorno a salvo. Desde pequeno. Esse modo funcionava.

Camiseta branca. Espelho. Três passos. Pente na mão. De um lado pro outro. Cabelos classificados. Alguns de um lado. De outro os outros. Repartidos. Ao lado. Esquerdo. Um suspiro. Leve. Três passos. Cama. Meia do pé direito. Pé esquerdo. Calças. Coreografia métrica. Cantarolava. Três passos. Espelho. Rosto. Espelho. Rosto. Rosto. Rosto. Três passos. Cantarolava. Três passos. Porta! Três passos. Pronto! Fora. Lado de fora. Ficava o quarto. Porta fechada. Olhar a frente. Escutava. Chamavam as horas. Oito. Atrasado. Gole de café. Fatia de pão. Pronto. Três passos. Espelho. Rosto. Mão direita. Maçaneta. Porta. Três passos. Mais três. Porta. Giro do pulso. Direito. Um pouco mais. Estaria fora!

Prolifera sem se fazer conter. Cores. Sons distorcidos. Inaudíveis. Imagens. Picam bolas. Sons. Muitas bolas. Aqui e lá. Na parede. Ricocheteiam. Parede molhada. Brincam muitos gritos. Zunidos alegres se encontram. Sem dúvida só dúvida! Sorriso de criança. Suor de tinta fresca. Quadro de textura mista. Desertos dançam em um inaudível contorno de vida.



Quatro horas. Madrugada. Sem sono ainda de um lado a outro. Três passos. À direita. Antes. Três à esquerda. Cantarola pensamentos que não cessam. Intensos proliferam em vozes simultâneas. Ruído. Estômago retorce. Fome. Tem fome. Quatro horas da manhã. Catatônico se apodera do mundo. Sente-se veloz. Olhos pouco enxergam. Retos e obtusos fitam um nada na linha do horizonte. Dor. Cabeça dói. Estranheza. Percebe a falta de algo. Um débito de associação ilimitada. Pensa. Tempo perdura e perde ritmo. Ritos e signos. Mitos. Gritam aos ouvidos. Fecha os olhos. Próximo minuto. Mente! Tempo todo. Toda parte. Muito. Mente muito. Quer o que acha não pode. Desiste. Dorme. Sonha. Continua com sede. Não aventura. Adormece com fome. Morre mais um dia que não viu passar.

Linhas ínfimas adulteram uma definição. Detalhe faz por onde se perder do olhar. Foge! Composto abstrato. Foto antiga retirada de um empoeirado álbum de biblioteca pública. Arte turva de contornos indefinidos. Preto e branco. Tom sóbrio de uma figura austera de muitos anos. Nebulosa. Envelhecida. Cansada prolifera-se em atitude alva.

Tudo passa por entre os olhos. Momento. Carícia em um sentido. Não antes tivera o cuidado de olhar. Não! Daquele modo. Não! Tantos anos e antes mesmo de nascer prédio já ocupava esse espaço vertical! Tanta visibilidade e não lhe havia reservado o menor carinho. Nenhuma atenção.

Sincronia por entre tons de cinza em cimento cru. Saliências e reentrâncias a cada metro quadrado de uma distância atravessada por pontos negros. Corpo nu. Definição imprecisa. Ar de um heterogêneo invulgar em variação imperceptível. Uma geografia outra. Outro olhar.

Viver pela intensidade dos pontos de atualização nas linhas de passagem que rasga os corpos. Destroços espalhados. Escorridos em outras linhas. Transformação da realidade dada. Dado que ao rolar faz da impossibilidade da determinação de um número de lados sua força motriz na afirmação de um tempo livre. Outra vez um desejo. Um viver diferente. Uma liberdade que dá as costas à negação! Procura que se instaure na íris-pupila e impõe a visão de uma potência de possibilidades elevadas à enésima potência de outras possibilidades.

Arco-íris de encontros. Alegres e tristes. Acontecimentos imanentes. Viver aberto à impossibilidade que se eleva e reinventa a raiz da equação. Viver alastrado e rasteiro e daninho, algoz de um caminho de um não-ser que jamais foi e será. Foge saltitando de folha em folha. Um quanto possa suportar um corpo até restar uma sombra! Só. Quiçá uma leve composição anômala de buracos acopláveis no limite da fronteira de não mais nomear o ser do homem. Um homem! Talvez uma brisa. Um sopro. Outra coisa qualquer.

Relógio. Não pára. Continua. Não pára! Resiste. Por maior esforço. Mesmo imóvel. Calado. Parado. Continua. Aplauda o tempo. Tempo todo. Respira. Dança ao ritmo do tempo. Continua. Não pára.

Estômago contrai. Olhos piscam. Saliva um gosto de escuro. Quarto escuro. Cantiga de palavras soltas na procura de alguma fresta. Um cheiro de luz. Qualquer.

Quatro paredes. Um teto. Som escuro. Insípido. Templo de todas as noites. Delira! Desenha caminhos. Uma saída? Um mapa? Não! Uma toca. Existe uma porta. Lá. Porta. Distante. Entre ela distância separa. Anseia que abra. Distancia. Um resquício de luz. Corpo revira. Procura um. Outro. Porta. Outro ângulo. Continua!

Cada ponteiro um ritmo. Movimento viciado. Cada um, um compasso. Obstinado. Segundo atravessa o minuto. Ambos caçam a hora. Circulam. Movimento uno. Três séries paralelas. Convergem na linha tempo. Funcionam. A mente faz parte da órbita. Sobrepostas. Relógio. Gira ao som do tempo. Pensamentos emergem. Fragmentos esvaem. Póstumos. Deslocados. Resta pouco. Vazio. Quase nada. Tresloucados. Continuam. Tique-taque. Tique-taque.

Olhos se fecham. Abertos não enxergam. Fechados não vêem. Uma saída. Ensandecida procura. Senta. Toca o chão. À beira da cama. Ponta dos dedos. Alonga. Ambiciona ficar em pé. Deitar. Almeja ficar imóvel. Pelos dentes um calafrio. Passa. Sensação que adormece a vida. Range. Pulsam os ossos. Ouriçam os pêlos. Corpo lateja. Lembrança. Nostalgia. Corpo despedaçado. Vaza. Sangue e suor. Olhos fechados não podem esconder! Esquina de uma vontade. Dobra na borda de um incontido.

Tempo um. Enamorar. Beijar. Correr. Dançar. Desfrutar do azar da sorte. Uma infinalidade! Infidelidade! Palavras já não às mesmas. Não um quadro de palavras. Essas não contam. Não dizem. Não querem dizer. Não um tanto um quanto um desejo deseja! Também deseja. Na intensidade esquarteja a possibilidade e a necessidade. Dobra os joelhos e cai com o rosto fincado ao chão. Explode o acaso que gira o mundo. Gira. Gira! Palavras giram! Giram palavras soltas ao léu!

Papel. Borrão. Tinta. Muita tinta. Mãos. Pés. Boca. Movimento em instinto de criação. Pica uma bola. Saltam olhos. Empurrão. Criança corre. Grita. Vida e arte sem tensão. Fluxo. Pernas. Braços. Tombo. Escorregão. Estilhaços aqui e lá. Picam. Crianças. Picam. Gritos de bola. Abraço. Sensação. Rosto e Corpo. Forças se afirmam. Criam. Não negam. Conjugam. Superam. Uma lembrança? Agora não! Outra coisa. Uma nova série de linhas atravessadas em outras. Possibilidades e impossibilidades.

Uma necessidade. Anatomia das partes. Arritmia da dúvida. Esboço. Funcionamento de um todo. Boca escancarada. Adequada dissimula querer engolir uma parte. Sobressalta uma verdade compulsiva de verificar a soma das partes. Precisão que ronda a insinuar uma desintegração. Sensação de que o corpo pode a qualquer instante, sem prévio aviso, ao acaso, desintegrar-se.

Sensação que surge desde a infância. Nessa época já conhecia em movimento de sonhos. Somente, hoje, ao calor do dia, esses, apareciam de olhos abertos. Sucessivamente. Indo e vindo. Alternados. Assim!

Há tempo não saía do quarto. Há tempo não saía. Tempo não. A porta. Essa! Não se abria. Trancado. Restrito. Absorto. Incluso. Jazia. Parede. Teto. Um giro dos olhos. Deitado. Tudo continuava. Encaixe perfeito. Cabide. Roupeiro. Chinelos. Nada fugia. Tudo pertencia. Travesseiro de espuma. Caneta tinteiro. Teia no canto superior esquerdo. Três eixos. Unidos. Teto. Parede vermelha. Parede verde. Teto amarelo. Mundo fechado. *Ultimátum* casulo. Única saída. Porta! Essa. Aberta. Olhava e não via. Fugia. Fora do quarto nada. Nada pontuaria. Pra que lado? Ladearia um lado. Onde? Não sabia. Não podia. Sem mapa. Tanto tempo. Agora.

Calafrio. Um grande suspiro. Costas. Nuca. Virilha. Um abalo corria o corpo. Instinto. Três passos. Discorria. Um minuto! Pequena abertura. Compasso. Primeiro um. Esquerdo. Outro depois. Suspeita. Direito. Oitenta centímetros. Mais ou menos. Três passos mais ou menos a oitenta centímetros. Uma descoberta. Provaria do curso de fora. Cravava os pés ao chão. Quarto puxava pelos cabelos. Olhos projetavam à frente. Preto. Branco. Um corredor desmesurado. Tantas portas. Olhos. Quanto mais à frente. Muito



menos. Escasseava o ar. Faltava alcance. Estrangulava. Nada se via. Longe. Sobressalto. Tudo longe. Três passos. Tudo possível. Escancarado. Superfície desdobrada. Mais três passos. Sempre três! Horizonte desfraldado. Duelo deflagrado. Forças invisíveis. Em desatino engalfinham-se. Uma a usurpar a outra. Outra a monopolizar uma. Mistura. Duas atravessadas por uma terceira. Três. Cortada por outra. Açambarcada por uma. Passos. Compõem. Repõem. Dispõem. Trindade de um eterno imperfeito. Tríade de um infinito informado. Tríplice laureado sem rei. Forças. Cores. Odores. Três passos. Dísparos. Intensos. Inapreensíveis. Sons.

Turbilhão. Uma passagem ímpar. Absoluta profusão. Pressentia. Não! Abstinha-se de definhar e crescer. Corredor se iria deformar em muitos. Muitos mais. Conjugados. Mais outros. Composto híbrido. Cruzamento. Retas desfiguradas. Entrecruzadas. Misturados pontos. Parábolas. Círculos. Órbitas espiraladas. Percursos impensados. Profanos. Múltipla composição de ferozes forças múltiplas.

Um abraço. Tudo que lhe vinha à mente. Alguém. Ver sua a voz escutada. Um de carne e osso. Um isso sem constrangimento de arriscar vocábulos ao vento. Esse ouvir. Desejado. Tanto tempo enlaçado ao silêncio. Perimetral daquele compartimento. Incômodo zunido. Isso o arremessaria nas ondas de uma sinfonia. Incomum musical. Uma vista. Um beijo. Cobiça de uma vida viva. Um contato. Um perfume. Uma paixão!

Algumas têm vida própria! Não esperam. Essas! Vão sem licença! Sem cuecas! Loucas! Um tanto por todos os lados! Paredes brancas. Uma fina em fila marcada. Mesmo quadrante. Em horário! Superior! Mesma que esquecia sua dor no sono justo. Fazia passar. Primeiro piscar mais dez quilos pesados. Passados a olho! Já mãos distantes. Colo desnudo. Cabelos doces. Costas douradas!

Tem a imagem do pai. Recai ao colo. Rola dentro. Sala. Toma conta. Por mais que saiba uma lembrança incorre e toma conta. Momento. Gira um pensamento. Início de tarde. Muito frio. Na janela o sol. Tímido faz-se perceber. Por mais que queira não consegue debelar o frio. Queria. Sol atinge. Não abafa. Sem pé. Sem cabeça. Anda. Mesmo que nada cultive. Não chega. Invade. Calafrio percorre, corre a espinha acima e abaixo. Expõe um sentido. Antecipa um momento. Bem à frente um pai. Sem cruz. Sem ordem. Nada divino. Sem licença qualquer. Sem qualquer outra possibilidade. Acontece.

Tempo! Os dois e tantos anos. A criança que foi admite! Pouco lembra. Um tão sensível que as palavras não dizem. Continua. Hoje divide mais. Cabelos brancos. Medos e frustrações. Muito amor. Respeito. Proximidade nunca assim. Olho no olho. Hoje! Talvez antes não. Talvez não tenha tido tempo pra olhar. Uma vida cresce instantânea. Passaram dias e noites. Havia tanto a inventar. Hoje ainda! Ainda há o que inventar.

Noite  
sempre ela  
cada dia sempre noite.  
Tom que não cabe em notas  
cria partitura subvertida  
ritmo contratura.  
Deitar seduzir arrebatado  
acessar no mundo.  
Despertar  
brotar outro som  
flamejar outra cor  
negra noite e branca  
gradiente vida.  
Vida movimentar durar  
incontrar pronunciar um desejo  
encobrir não.  
Pulsar retinir noite  
subtrair do dia  
sem sono sem hora agora  
saborear mastigar misturar  
isso.

Respiração ofegante. Parado. Soleira da porta. Pequeno som invade o tempo. Retira do lugar. Hesita. Pés formigam. Aquecidos. Sapatos de camurça. Limite entre o próximo na direção da névoa. Passo. Informe incerta. Instante. Movimento de retorno a terra. Acolhida a salvo.

Dúvida! Pulsa um pensamento. Intervém no tempo que se instaura. Naquele exato. Naquele. Exatamente. Esse. Fração ínfima que abriga a impossibilidade cambiante. Corta um som afiado em sobressaltos de volubilidade. Ouriçados fios de cabelo. Energia em profusão. Eretos. Abalo sísmico precipita a ruína de qualquer instância de uma organização. Orgânico! Mantém à-quele corpo. Esse. Curvado à frente. Levemente de pé. Ainda!

Um calcanhar levanta exatos trinta graus. Impulsionado pelo peso da cabeça inclinada à frente. Calcanhar. Produz um distanciamento de poucos centímetros do chão. Preconiza uma atitude adiante. Maquinaria de cobiça. Ritmo dançante daquele ruído musical. Desce. Descompassada produção. Impelido. Colocar um pé adiante do outro. Incitado. Uma assusta contra o rosto. Atrai um retornar. Oscilação pendular. Corpo a alternar um ir e um ficar. Traço de um tempo surdo. Não vez. Avassalador se apropria do baque. Invade o corpo. Dita o cortejo de um fluxo.

Uma forma particular de composição das forças. Fronteira penetrada de um gosto de temor. Medo que oferece uma cavidade desconhecida. Aldeia de incertezas. Lascas informes. Paradoxo pululante de uma percepção de não mais ser capaz de percorrer a linha que atravessa verticalmente. Desestabilização.

Um centro mantém. Gravidade de um corpo fixado sobre os membros inferiores. Um bípede! Na contra-mão uma voz. Interior. Sem palavra alguma. Escapa um mistério. Risco ao falsear dos joelhos. Desmoronar com as mãos achatadas ao solo. Oscilação regressiva. Isso lhe poderia por dentro de alguma algema evolutiva. Novamente! Companhia dos animalejos não pensantes. Muito aquém do que poderia cobiçar.

Há algo fora. Algo sob a forma daquele som quase inaudível. Esse faz brotar calafrios e repuxar os músculos da face. Apropriação de uma palpitação sonora que enseja querer pular. Um curso de receio. Cortado pela veleidade de ir além do que faz ver. Sem convocar licença. Compartimentos selados pelo tempo e outros que nem de longe denotam alvitre sequer. Corpo deramado no gozo de um sorrir. Não se reprime em seguir um pouco mais. Um rasante estarrecedor experimenta o equívoco do momento. Um traçado ousado risca além. Um som. Parece sempre existir um som a provocar um ritmo. Um som mesmo quando só o silêncio se faz ouvir!

Aperta os olhos e tenta melhorar o foco. Compulsão intensa. Algo impõe uma aproximação. Nada parece sair do lugar! Eterna sensação de distância. Tão pertos e tão distantes. Tons repletos de quedas. Reflexos de uma existência. Elementos contrários de uma só e mesma composição. Naturezas avessas. Ambos na direção de um ponto mais próximo e permanecem distantes!

Corre um líquido denso de um ponto mais alto até tocar a terra. Prédio. Escorre em suor salgado dos olhos. Malicioso. Tanta força e tão pouca disputa! Carrancudos e tristes permanecem iguais.

Nem tanto! Ensaíam um algo. Desencadear um inusitado, minúsculo instante de tensionamento composto sem nome. Sem forma. Sem gosto. Diferente do já sido e por ter se cria.

Outro olhar e não mais iguais. Não mais iguais! Ensaíam um sorriso. Um roçar que se cruza e se choca e se faz voar em pedaços que adornam o ar. Envolvidos dissolvem. Respingam no mar. Piscam. Desertos em qualquer lugar. Entreabertos passeiam descalços. Sussurram ir. Ir pra não voltar.



Mãos apoiadas às orelhas. Forma de concha a intencionar uma condição de mais bem poder escutar. Ruído voraz. Insinua provocar. Permanecem espalmadas. Se fosse possível ter olhos o som estaria naquele instante a lhe fitar. Com toda veemência. Olhos semicerrados e lábios entreabertos a propor uma experiência deliciosa. Não seria plausível descartar. Um minuto. Linha aguda de um fio de navalha a cortar aquele sem medidas. Para fora. Para dentro. Alterna a sacudir sem qualquer passo materializar.

Um súbito invade. Isso! Intempestivo surrupia o leme e faz descarrilar uma série temporal. Estilhaços em mil bocados. Põe-se a se arremessar até perder de vista aquele lugar. Um inflar dos pulmões. Um ar que penetra o corpo que já se impõe a levitar. Olhos procuram os pés. Terra firme! Cegos os pés acontecem por andar. Compasso trôpego. À frente. Além. Fora do que escurece os dias e congela as noites. Afasta da vida cinza que só a memória faz acompanhar. Faz-se colorir por aquele som em tal tom impronunciável. Descortinar o verde da grama. Assoviar um perfume acima. Mira do céu brilhante. Sol imponente repleto em raios dourados. Não mais se contém! Pés. Fogem despencados em um fora que arre pia os pêlos.

Por mais que a música tenha efeito. Não desce o corpo ouriçando os pêlos. Não pelo desejo que se pré-instala. Não para todos! Uma relação platônica insinua ser estabelecida. Para muitos! Escuta-se. Cantarola-se. Emoção por entre a vibração de notas. Altas, baixas, divergentes. Continua-se ao lado. Ainda de longe! Sempre se quer próximo. Quase nunca se lhe pode apertar a mão. Quando por vezes se percebe estar perto de muito essa já se foi à frente. Música. Tentativa muito mais lenta. Descompasso! Sobra a marca, rastro que fica no vazio que não se lhe pode acompanhar. Efeitos! Delírios rítmicos em intensa variação e ruminam-se os restos dos poucos tons que se arrisca.

A música tem um quê de saudade! Amigos? Aqueles de anos. Foram! Longe estão. Cá se está. Só! Imagens revirando ao som do mundo que retorna eternamente. Um toque do piano em pequenos passos em conformidade com o delírio de um violoncelo que abre sua voz e faz rodear a volta cada centímetro dentre as possibilidades que se esvaem na areia que desliza criando contornos e reentrâncias de um desenho inusitado. Geografia da ampulheta. Grão a grão! Embala a matéria desértica que conquista a superfície de uma forma. Tempo. Compasso. Movimento. Informe. Infinito recursivo. Faminto. Morde o não formado.

Caos da criação. Corre. Dobra um corpo. Engole a vida ao sabor do ritmo. Perde um rosto. Pouco a pouco diminui. Troca a estrutura de contorno pele-carne. Bate um coração a céu aberto. Bombeia sangue. Toca. Música. Pulsa. Coração. Mistura. Terra e cosmos. Linhas radiantes. Única composição. Corta o muro branco. Rasga pilares e estruturas. Arrasta no vácuo. Beira seus passos.

Pensamento explode. Borrão sonoro. Gosto doce. Água. Sangue. Suor. Mãos dadas esfregam o sol. Lábios ávidos comprimem. Vazam raios. Estilhaçam brilhos. Boca entreabre. Violino corta. Rasga o peito. Crava sua lança. Arranca a carne. Desnuda os ossos. Não pára. Mais leve. Gira. Alterna. Deforma o compasso. Suspende tempo e espaço. Quarta dimensão. Quinta. Enésima medida. Infinita possibilidade de conexão. Um novo sem nome, sem ontem e sem amanhã. Potência instantânea. Sem ordem e sem medida. Música! Quando termina a música?

Abrem-se os olhos! Coração se recolhe. Rosto refaz seus traços. Sangue irriga. Carne! Ossos. Sustentam. Vida. Continua. Sempre? Sempre retorna! Não a mesma. Ritmo permanece. Silencioso. Fita a música que afasta. O corpo que adormece. Abraça vida. Recomeça. Diferente!

Já não se faz tarde quando de perto,  
vem desnudar a noite  
já não tarde se faz à noite esgueirar.  
Não tarde a noite já se faz espreitar  
a tomar conta se faz no dia.  
Observa o trem. Trem da vida!  
Quem vem. Quem vai. Quem chega. Quem  
sai.  
O dia já mais não faz. O dia já se.  
Está fora.  
Já mais não!  
Não já. Não dia. Não mais.  
Ainda não noite.  
Tudo começa.  
Nada termina.  
Tudo anda. Tudo volta.  
Em volta.  
Indetermina.  
Ia via quem  
vinha vindo via trem  
vindo indo assim.

Bem não se compõe e esvaem. Escorrem. Criam e re-criam. Transformam transformando-se. Renascem!. Outra coisa! Passa. Paisagem em queda livre. Descontrolada. Pensamentos. Vezes asas abertas. Vezes toneladas aos bolsos. Olhos fechados. Bocas escancaradas. Mãos espalmadas. Pés descalços. Mãos nos ouvidos. Cabeça entre as pernas. Homem. Mulher. Triste. Alegre. Impassível. Insano.

Um pouco de tudo. Nada de um todo. Mistura abstrata. Fluxos. Instantes. Bloqueios. Glossolalias. Janelas em espaços abertos. Um viver que insiste em beijar a vida.

Cada meio-dia. Cada meia-noite! Sol e lua a gritar o que não se pára para escutar. Sinfonias. Melodias. Cânticos de ninar e lágrimas de sofrimento. Desabafos. Esquisitices. Dores e ansiedade. Alegrias. Desejos. Felicidade. Substâncias que circulam em partituras. Melodias inacabadas. Quem não ouviu? Uma frequência inesperada! Um grito! Um silêncio!

Traço simples. Marca de um rosto. Ruído silencioso que estoura os tímpanos. Acontece. Alma viva e assombração! Ponto. Reticências? Interrogação!

Infância. Noites várias sem dormir. De um lado ao outro. Girava o quarto em uma desgraça inevitável. Esquivava de fechar os olhos. Podia ver os órgãos lhe esquartejando as partes, arrancando-lhe pedaços e, essa coisa tomaria corpo e ainda mais, até que nada sobrasse. Nada! Nada bastante. Nada suficiente. Nada! Nada Reconhecível.

Dessa não teria. Não teria sido dessa vez. De aparente nada lhe havia sido extraído. Pensava em silêncio. Pés pra fora. Preguiçosamente ensaiava levantar. Iria se não fosse um cortante arrepio até a espinha. Um choque a erigir os pêlos. Tudo a volta, o corpo abarcava os sentidos de um sobrenatural, horror de um morto vivo que ao deparar com o toque gelado do desespero, congela a alma. Todas as luzes se apagam!

Volta à cama e sente o colchão afundar com o peso do corpo em pelo menos o dobro de segundos antes. Face ao medo que brotava de dentro pressentia saltarem os olhos. Cabeça para trás. Estendido e imóvel. Olhos cerrados. Respiração ofegante. Batimentos cardíacos ritmados. Envolto em um lapso. Descompassado. Ali. Um tempo. Nem à vida e nem à morte. Ali. Moléstia fatal. Corroia as entranhas. Isso. Esse isso. Essas entranhas. Corroíam o ser. Ser corroído por dentro. Perplexo! Até agora só os órgão externos lhe afligiam.

Hoje se faz grande. Pica a bola. Corpo-mula não voa. Coletivo de membros ordenados. Ritmados grunhidos de desespero. Um peso do corpo maior. Braços por sobre as pernas. Ainda maior. Cada vez mais. Ainda mais. Modula. Impõe. Determina.

Uma bola. Uma cabeça. Uma criança. Gigante com cabeça-mula. Cresce por entre a bola e uma criança. Pica. Criança pica. Bola pica. Pica bola. Bicicleta cai. Criança também. Um aro gira. Som do tempo. No meio um par de olhos observa. Formula. Ao lado. Tinta. Papel. Gritos. Correria e desvario. Cabeça gira. Murcha a bola. Movimento completo. Olhos na nuca. Um som qualquer. Inaudível não escapa. Atravessa e prolifera. Deforma e incomoda. Barulho de solidão. Um degrau que abre a caixa vazia. Um passo incontido de um abraço a jogar-se no vazio. Explode!

Não tem corpo. Brinca. Ontem. Tão perto. Já tão longe. Uma criança dança sem rosto. Um sorriso corre. Some. Uma criança. Uma Bola. Bicicleta. Tinta. Papel. Permanece um borrão. Permanece um sorriso. Uma lembrança? Ter-se na criança que pica a bola. Um desejo! Correr. Brincar. Andar de bicicleta. Massagear com as mãos em tinta o papel. Sorrir. Gritar. Jogar.

Brinca uma criança. Sempre uma criança. Por quê? Nunca uma criança. Como? Não se torna. Escapa. Cria uma fuga. Nada importa. Já foi!

Desenhou pelas paredes. Pulsão vestida. Loucura! Loucos desvarios loucos! Enfermeiras. Louras camas brancas. Longas finas agulhas. Líquido ácido. Carne superior quadrante. Direito! Sono acordar mais cabeça dez quilos! Meses dois! Espaço outro. Tempo esquecido. Um resto desfiado em amarras. Desconhecido jardim. Outra língua! Homem!

Queria tomar chá! Mais ainda! Cinco. Seis. Que fosse! Ainda queria. Cinco. Seis. Despertar com um quê de não sabe um que fez. Queria ainda! Com um quê de que faz os que fazem um! Mais ainda. Com um quê que desfazem aonde jaz! E mais ainda mais. Onde em um quê jaz um!



Noite perdeu alegria. Surrupiam  
sua possibilidade de expor a lua.  
Desacordados homens racionais.  
Morte se conjuga. Noite deleita ra-  
cionalidade pura. Noite escura. Dia  
espúrio.

Tribos de canibais da noite. Servos  
de Apolo. Narcisos da decadência  
do mundo. Camelos do progresso.  
Urbanos sem terra. Cautela! Teus  
dias cada vez estão mais noite. Dia  
vez cada mais. Tudo começa. Nada  
termina. Tudo anda. Tudo volta.  
Em volta.

O trem já vem!

Vem vindo indo assim

Experimentava sensações cada vez mais intensas. Cada dia mais alternava realidade e fantasia! Resistia. Pensamentos permaneciam mais próximos.

Muitos movimentos. Corria água pelo corpo e misturavam-se imagens de delírios. Mãos dadas, realidade e fantasia, na composição de um mesmo. Sabia onde estava, reconhecia a mesma rua, sentia os mesmos pés.

Imagens simultâneas compunham um conjunto de olhos internos. Fora, teimavam em atravessar o banheiro em uma outra dimensão. Fabricavam coisas. Realidade. Fantasia. Água! Escorria pelo ralo. Corria pelo corpo. A vida prosseguia.

Isso.  
 Esse.  
 Outro.  
 Assim.  
 Também.  
 Não esse e.  
 E esse isso não.  
 Não esse isso e outro.  
 Outro não isso e esse.  
 Esse e outro não isso e esse isso assim.  
 Assim outro isso não esse isso e outro sim.  
 Sim esse isso e não.  
 Não isso e sim esse outro isso assim.  
 Assim isso e isso.  
 Isso e também não outro isso.  
 Isso e esse e também.  
 Também assim esse isso outro.  
 Outro esse isso e sim.  
 Sim isso e esse sim.  
 Sim outro e isso sim.  
 Sim esse e outro assim.  
 Assim esse e isso e outro também.  
 Também esse e isso e outro sim e não também assim.  
 Assim também sim e não e também esse e isso e outro  
 também assim.  
 Assim sim também esse e isso e outro e não.  
 Talvez.

Pêlos ouriçam com o cheiro tirante dos trilhos. Parece vir de longe. De longe aparece. Itinerante. Parece não parar. O caipira derrete o ser que pariu no interior. Não pára! Não pode! Vem de longe. O trem. O caipira. Definitivamente vem! Trem. Parado o caipira parece esperar. Já não mais tem hora. Corre a vida em ritmo de demora. O começo não tem vista. Não tem berço. Caipira. Ponto de parada. Ponto de chegada. Embarcado. Desembarcado. O trem do caos se alimenta. Faz parte.

Pulsa coração. Cidade sem lugar. Herege. Elege aonde ir. Genital. Relação estampada dolente. Dogmas. Rugas e dobras.

Um sabor de fumaça deleita. Olhos vermelhos. O caipira chora. Lágrima qualquer. Trem não pára. Faz pausa. Sem parar, aceita o embarque. Cidade também. O caipira olha. Tantos olhos nem uma voz. Cheiro forte. Muitos corpos. Todos. Cada um. Muitos. Ninguém. Segue o trem. Não vem. Sempre vai. O caipira não.

Quantos a cada dia. Já não se faz dia. Muitos a cada entrada de noite. Incontáveis a cada saída do dia. A cada chegada de dia. Ainda não noite. Multidão não se faz gente. Gente se tem em falta. Excessivo contato. Gente sem tato. Dorme acordada. Balança pra lá. Sacode de cá. Ainda vai trem. Vai com a noite que vem. Bate-estaca. Vem com o dia que vai. Foi mais um dia.

Outra lua esconde. Noite fria. Rostos laqueados. Esquinas suspeitas. Restos humanos. Tantos. Decoradas calçadas. Andarilhos. Maltrapilhos. Tontos. Drogados. Prostitutas. Travestis. Artistas do jogo da noite.

Já se faz noite. Tragédia urbana que a noite faz dia. O dia também. Outra luz. Também. A noite acolhe o que no dia se faz sobra. Dia escancara o que da noite se tem em sobra.

Um sorriso malicioso. Um vício. Um ócio. Um quê de estar vivo que se faz no que compõe. Distante. Muito além. A deriva do esperado. Do que o mundo e as coisas prometiam. Aprendeu a falar. Ainda criança. Fora. Olhou as palavras. Alongadas. Revestidas de cor sólida. Vezes essas impõem. Outras depõem. Fazem existir. Desistir.

Quanta intensidade colocada em camisa-de-força! Quanta selvageria santificada pela sublimação da culpa! Condenado a não ser pela crueldade que o ser lhe impõe! Nasce morto! Um ser! Adestramento pela fala. Cela de palavras-alma entranhadas na corrente de um pensamento. Correm em sangue. Vermelho. Substância inodora e insípida. Do barro virgem resta à forma. Potencialidade fértil. Nasceu em mão invertida.

O pai! Fizeram aprisionar os dedos entre os dentes. Teoria da amputação das partes podres. Retiraram o membro desregrado. Subjugaram a possibilidade da escolha. Sentido posto. Pela direita a verdade! À esquerda os dentes! Descarte do anômalo constituído por origem. Roer as unhas. Mão esquerda. Resolução recebida! Poderia desfrutar do deleite desajustado. Mão direita. Reverenciaria as palavras-carrasco. Elas se lhe apoderariam do que poderia. Chibatadas de tinta. Paladar adornado pela saliva a moer pedaços de um corpo amofinado.

Domingo. Bate vento. Quer entrar. Arranha vi-  
 draça. Vento. Dentro houve. Não vê. Cobertas  
 entrelaçam. Faz frio. Vidro. Corre pingo. Sere-  
 no. Olhar. Encontrar a manhã. Chegar. Longe.  
 Dia amanhecer. Perto. Pernas esfregar. Corpos  
 tocar. Cobertas acolher. Dois corpos. Beijo.  
 Pernas entrelaçar. Abraçar. Apertar. Fora. Faz  
 frio. Dentro. Corre pingo. Suor. Unha arranha  
 costas. Orelha mordida. Saliva encontra saliva.  
 Língua perdida. Cobertas caem. Mãos não pa-  
 ram. Contatar. Atritar. Respirar. Descompasso.  
 Desejar. Pulsa corpo. Pulsão. Lábios. Envolver  
 nuca. Dedos. Alastrar. Contornar seios. Mami-  
 los eretos. Toque. Um Dedo. Contornar. Primei-  
 ros suspiros. Língua. Encontrar mamilos.  
 Mãos. Contornar coxas. Corpos. Ouriçar pelos.  
 Entre mãos pulsar desejo. Boca. Não foge. Acei-  
 tar convite. Convidar. Invadir. Atrever. Deslizar.  
 Corpo. Crescer. Ocupar espaço. Começar dan-  
 ça. Boca. Subir. Descer. Membro. Rijo obedecer.  
 Odor. Tomar conta. Pudor. Não. Cabelos. Ba-  
 lançar. Rosto perseguir. Face. Boca. Procurar  
 beijo. Lamber. Saliência. Queixo. Pernas. Não  
 guardar espaço. Proliferar. Cruzar. Atravessar.  
 Indecente abraço. Incandescente movimento.  
 Instintivo. Infinitivo. Encaixe. Coxas. Roçar co-  
 xas. Membro. Deslizar mundo. Adentrar. Ven-  
 tre. Acolher. Acariciar. Mover. Exalar sumo. Vi-

da. Subir. Descer. Colar. Pele. Fechar. Olhos. Morder. Lábios. Suspirar. Mãos delicadas. Apertar. Comprimir. Imagens. Sons. Cheiro. Ritmo. Aumentar. Ritmo. Subir. Descer. Aumentar. Ritmo. Descer. Subir. Aumentar. Ritmo. Suspirar. Suor. Tesão. Membro. Excitação. Ventre. Ritmo. Subir. Descer. Correr. Líquido. Correr. Invadir. Corpo. Tomar conta. Tempo. Espaço. Clarão. Intensidade. Pura. Insanidade. Delírio. Ritmo. Subir. Descer. Corpo. Prolongar. (Re)ter. Ritmo. Devagar. Mais devagar. Mãos. Acariciar. Respirar. Buscar. Compasso. Beijo. Suave. Olhos. Brilho. Abrir. Lábios. Tocar. Levemente. Tocar. Trocar olhares. Sorriso. Afago. Bate o vento. Inverno. Cobertas. Afastam a luz. Dia. Frio. Domingo. Frio não entra. Corpos. Tapados se abraçam. Prazer. Desejo. Permanece. Não vai. Abraçar. Abarcar. Abraço. Tapados. Uno. Dois. Cabeça aos pés. Domingo. Êxtase Adormece. Frio. Não. Nesse quarto. Não. Desejo. Dobra. Retorna. Domingo.



Um vulto desliza suspenso no tempo. Inebriado pela oscilação do ambiente a se construir e destruir velozmente à volta. De um lado ao outro se traçam rabiscos que cada novo passo ocupa-se em apagar os rastros. Senhor do domínio conquistado. Resta um corpo estático acompanhado da percussão de um coração em absoluto descompasso. A girar dança em torno de seu próprio eixo a auscultar irrequieto o diagnóstico silencioso do mal congênito que lhe impetra o convívio diário com aquele véu de solidão. Sobrepondo os ponteiros de um tempo. Usurpa o instante. Entrincheirados olhos curiosos retiram daquela cena os resíduos disformes. Borrões e cacos de imagens indiscerníveis. Entrevêem um mínimo ponto negro que se faz multiplicar. Percebem o estilhaçar de luzes em profusão desordenada. Inspiram a céu aberto as fragrâncias que auferem sabores ao desespero de preencher um quadrilátero claustrofóbico. Escutam o grito grunhido de quem se faz prisioneiro de uma coreografia secreta. Observam um ponto! Desprovido de ângulos retos. Ignorante de uma estrutura retilínea. Livre de uma linearidade homogênea codificada. Errante que erige escalas por entre tons coloridos que encontram o êxtase no desnudar de um arco-íris. Etéreo. Repica recursivo por entre as quatro retas que lhe abraçam em cerco. Sorri. Seu fim já tem destino anunciado. No que lhe vira as costas. Sacode os ombros e saboreia o limite das possibilidades que enamoram um encontro.

Ultimamente as coisas crescem para os lados. Fazem crescer! As idéias correm de um para o outro. Constelações de imagens. Sorriem. Acenam. Falam juntas. Levanto. Tento alcançá-las. Fogem. Quando permaneço deitado tenho a sensação de projetar em direção a elas. A pressão do ar aumenta. Os músculos contraem o corpo. De olhos fechados enxergo outro isso desse momento suspenso. Diminui a gravidade. A necessidade. Tem-se outro plano. Múltiplas vozes. Sopros aos ouvidos multiplicados.

Deves estar ocupado com outras coisas mais tuas! Caso tenhas um tempo venhas me visitar. Tenho saudades de escutar tua voz! Se não puderes escreve. Tenho saudades de te ler. Tenho tão pouco.

Um tempo. Deveria estar piorando! Queda em direção à cama. Sentia algo a consumir o fígado. Algo a extrair um pedaço. Pânico! Nunca antes assim sentido!

Como poderia? Como averiguar se realmente estavam faltando partes? Como checar as partes internas? Escuro! Visão insignificante. Não podia. Não podia no escuro de dentro enlaçar algo claro!

Músculos. Síncope extrema. Contraíam. Abaixo. Quase perfurando o colchão. Situação que era posta. Atordado permanecia. Movimento último. Desespero! Levanta as mãos. Buscar. Direção aos olhos. Buscar uma forma de ao entreabrir ver as mãos.

Sem qualquer esforço. Via. Estavam lá. As mãos estavam à frente dos olhos. Friccionava. Tentava. Tateava um convencimento. Convencer-se de que era nada além de um sonho. Decididamente um sonho! Com o quê não lembrava! Acontecia sempre. Tempo mais próximo. Recentemente, cada vez mais acontecia.

Uma sensação de alívio começava percorrer o corpo. O pesadelo se fora! Respiração distorcida. Suor frio. Camisa molhada. Dor nos braços e nas pernas. Corpo com mais toneladas. Cabeça mais leve. Pensava. Poderia arriscar um sorriso.

Tão perto. Tão longe. Pouco importa se. Muito menos para onde. Não tem lugar. Vai ou se vem. Mágica. Vêem? Momento químico. Alquímico. Quer prolongar. Fazer. Mãos se arranham de leve. Encostam. Roçam. Sabor de um gosto. Beijo. Faz sonhar sem ter sido. Informe deserto. Cria. Possibilidade. Gosto. Abre fendas. Condições. Não cabem! Inequação. Indeterminada. Rosto. Derivada. Desafia o desejo a se desdobrar. Limite. Quer-se o toque. Medo. Atualizar. Perder. Retroceder.

Mais um giro do ponteiro. Mais um tempo. Instante. Outro além. Outro aquém. Um revide. Dois corpos. Dançarinos de uma mesma sinfonia perdida. Dividida.

Grita o corpo. Contrai a alma. Vibra. Quer. O corpo. Não tem certeza. A alma. Necessita. A vida. Tudo. Agora. Tudo. Sem um toque sequer. Agora se quer?

Pulmão. Bombeia ar. Sangue. Rio abaixo de-ságua. Não pode conter. Segue! Vazão de sentidos desordenados. Vaza! Alteram um quadro contido. Fazem derramar. Coração bate. Descompassado sem parar. Mãos molhadas. Esfregam. Uma na outra sem querer secar. Cabeça. Movimenta para trás. Cabe-

los. Revoltos revoam. Devir-lagarta? Um suspiro. Olhos se fecham. Olhos se abrem. Um novo velho olhar. A borboleta sorri! Continuum perfeito. Par feito. Movimento qualquer. Aproximar. Ainda não! Cedo! Prolongar! Mais! Beijar? Quero! Medo. Muito medo! De terminar? De perder esse gosto de beijo sem beijar! Divina terra. Doce gosto. Fenda. Vermelho a incendiar. Sabor. Queima. Razão ferve. Dilui. Fogo. Esconde-se e some no ar.

Falava da primeira! Não havia vozes! 13 de abril. Uma primeira! Não lembra bem um dia. Só sabe de ouvir! Entre 14 e 15. Alguém disse. Mês de maio. Não ouvia vozes! Dizia não.

Elas passavam! Agarravam pêlos. Pelos cabelos, pelos testículos! Levavam a passar! Qualquer sem negação! Cadeados em lugar de lados. Rodeados muros cadeados. Cadeados em um lugar rodeado de lados por todos os lados. Cadeados rodeados por muros por todos os lados! Cada um, outra regra. Muitas chaves! Negra branca nuvem terra!

Ao longo do caminho leves pegadas insinuam passos na areia que o vento não se furta em levar. Por entre uma linha imaginária que no horizonte se esforça em unir o céu com a terra atravessam dois olhos assustados. Fazem esforço em aprender aquele momento que grão a grão teima em fugir sem palavra sequer. Duas pernas magras se unem a sombra fina. Perpendicularmente, essa esguia e aventureira se antecipa aos passos e se joga à frente. O corpo se faz colorir com o sol a derramar às costas.

Do noroeste arranca passagem um vento suave que ao insinuar sua presença acaricia a nuca. Enrola-se pelo pescoço até que salgado penetra as narinas e aquecido se desfaz. Abandona aquele corpo através dos lábios entreabertos a beijar um mar de águas verdes. Ondas de um delicioso assoviar. Um odor de maresia que perfuma as entranhas e cobre cada pedaço de um tênue corpo. Carícia e deleite. Um mar. Um menino. Um milagre. Obra de sutil beleza a preencher um instante de vida. Uma foto faria retirar o encanto e aprisionar pela eternidade sem perfume, sem calor, sem cor aquele instante de essência indizível. Restaria apenas um espectro, um momento irreproduzível, apenas uma representação. Cópia pálida que de longe poderia fazer lembrar o que só nesse instante se fazia alastrar.

As palavras nem de longe arranham o que a íris aprende e a pele transpira. Essas vêm distantes. Atrasadas. Caçam a coisa que dobra, desdobram um tempo, estraçalham um espaço, perdem-se na margem que some.



Pode ficar quanto queira. Ninguém lembra ou reclama. Por onde passou não sabem que foi. Só as calçadas lhe têm mais perto nos passos que fogem. Essas não diriam o que a rua confia. Essas não! Olham de canto! Pés sem entender do que escutam. Sobem e descem. Pulam de um lado. Pulam de outro. Mesmo rumo de volta nas costas de uma noite ainda mais dia. Mais uma noite para esquecer um dia.

Um menino. Um milagre. Um mar. Estático um menino observa. Alimenta a experiência com o que dela verte. Sem expectativas, sem projeções, sem finalidades. Não lhe interessa para que sirva se é que se lhe serviria para algo. Um fluxo de vida se faz pelo fluir de um mundo que envolve um corpo. Toma uma mente e ocupa um pensamento que explode em pura energia.

O menino se mantém parado. Assim se dá a situação a perceber. À margem pulula uma intensidade das linhas que fazem compor àquele instante de gradientes. Energia. Cada inflar dos pulmões abastece uma cadência cardíaca e impulsiona uma máquina-menino-mar. Engendramento de forças que compõem um instante singular. Não um menino e tão pouco um mar. Mistura que surge atravessada por todas as partes. Partes possíveis. Partes potentes. Impossíveis. Essas mesmo transparecendo imperceptíveis se fazem em um lance. Um menino. Um mar. Um sorriso. Um vento. Uma vida.

basta por base por  
 que basta base que por  
 basta por pós propor por  
 propor por base basta  
 propor se por são se por  
 por se propor pré por se por  
 pré por se são se  
 pro por se são se  
 são?  
 pré por se são  
 pré pose são?  
 pro por se são  
 pro pose são?  
 Não?

Entre o sensível e o intencionado um abismo se compõe. O que seria um simples sorriso toma corpo e aparece em um alvoroço que de dentro adoesce até não mais tocar. Um tanto que escapa e irrompe sem nada dizer. Um ingênuo olhar desnuda e fascina. Um raiar de mãos faz alastrar um suor frio. Um pisar desvenda mistérios e impulsiona a um espaço aberto de vibração que não se pode batizar. Um balanço que quebra a espinha e exala o calor de um toque. Ainda no mesmo lugar. Olhos entorpecidos a fixar o nada e delirar por um minuto seguinte. Suspense de um instante que sopra a porta. Reversão do momento ainda estéril de uma relação. Linha fecunda esticada sinuosa em poder jogar com as possibilidades futuras mesmo sem palavra sequer pronunciar. Um devaneio que faz correr a mente. Uma imagem entrecortada que pronuncia uma passagem. Uma impossibilidade que se instaura em um outdoor que diz não. Não pode ser! Fantasia. Fetiche! Invenção? Mas tudo se coloca tão claro!

Acreditava quando jovem que o tempo se encarregaria de amenizar a insegurança de viver. O tempo passou. Continuava a mesma. Mais velha. Esperava ainda a mágica de um conto de fadas. Algo que pudesse vir a se apossar do seu caminho. Sonho de um em meio ao era uma vez! Sonhos com um viveram felizes para sempre! Sonhos com a fada! Com o príncipe e com o cavalo!

Não se pode perceber como as coisas podem evadir tanto. Quando se consegue um tanto essas estão a perfurar a língua. Um dizer não se faz contido. Muito menos compõe um pensado. Ocupa a deriva. Foge ao controle. Um submergir. Um grande oceano de ondas a chacoalhar. Procura-se um olhar à frente. Uma porção de terra para aportar.

Os olhos ressentem uma expressão preocupada. Um tom vacilante e lúgubre toma cômputo. Um medo de não mais voltar. Vira a cabeça à esquerda. Travesseiro por sobre o rosto. Cinge os olhos. Vislumbra lagos calmo a enfeitiçar os sonhos. Joga fora o dia, ignora a noite, aguarda um sono que apreenda os sentidos. Sair dali na direção de terras menos úmidas e tenebrosas. Menos dolorosas! Um bálsamo que venha curar as feridas abertas e serenar a vida. Um suspiro! Pernas estendidas. Repousa.

Imóvel a morte se põe a aplaudir o drama interior do corpo entorpecido pelo sono. Um semblante tão calmo. Menos um dia. A morte improvisa. Avizinha! Assentada no tempo. Indolente! Confia ao destino mais um dia. Adivinha. Sorri em poder vir passar. Quando não importa. Nem a porta. Fechada. Aberta. Sem hora marcada.

Lembrança a crescer pelo meio. Perdido e estranho faz distanciar a forma e diluir o momento. Como prolongar? Fazer fugir mais um pouco. Mais um instante. Ainda não ir. Escorrer. Perder. Chegar. Voltar. Uma criança sonha em crescer. Um adulto tem saudade da criança que ficou. Menor. Agora uma lembrança. Confusão. Desespero. Medo. Ainda mais solidão!

Algo em alguma medida separa os olhos que se esmeram em observar a vibração das partes. Sonham abertos com o entrechoque de corpos a assoviar uma canção de melodia grave. Ritmada. Forma lenta incita dar passagem a um grito de dor que ao invadir o silêncio sem palavra sequer pronuncie a composição de uma realidade inédita. Outro instante. Um clique de uma engrenagem que se move e faz acoplar em outra que explode no virar da página ainda em branco. Essa nunca em branco dissimula branquitude. Um pensamento que toma o leme e termina de desenhar e colorir. Inadvertidamente. Cria um povo pelo exercício do esquecimento que esquarteja a lembrança. Não uma casa. Um ser. Menos humano. Menos ainda outro sujeito. Apenas pontos! Brilhantes! Dançam sob reflexo da luz perfumada e se vêem encobertos em suas próprias sombras. Essas também a bailar. Sombras no entremeio de um movimento singular.



Olha-se para os lados. Mesmos ruídos tomam espaço. Ao redor os mesmos móveis. Mesmas pernas em sapatos mesmos nas mesmas calçadas. Mesmas coisas a fazer. Coisas que não podem ser praticadas. Coisas que não devem ser perpetradas. A cada instante se ouve o tom taciturno que atavia a cor da solidão. Mesmos problemas de A-Z. De lá pra cá. De um quê sem o porquê. Sem um tempo de ida morre e não mostra. Mesmas dores. Úlceras. Dermatites. Seborréia. Angina. Onomatopéia. Sinusite. Gangrena. Metáfora. Sermão de graça. Crítica. Discurso. Vaidade. Não sim. Alguma poesia! Sim e não. Pouco do que se poderia poder. Menos do que se poderia criar.

Contração de um lábio.  
Superior. De tal sorte lenta.  
Um tique. Encontro de  
um sorriso. Turvo. Várias  
vezes. Tremelicar sem  
controle. Encontro de um  
sorriso. Explode! Vida devolvida  
em efeito! Feito  
que devolve a vida!

O mar continua lá e o menino também. Cada qual reverberando seus passos. Espaço infinitesimal. Tempo criado em um arranjo de promoções dessemelhantes. Cada qual na mira de um horizonte à espreita. Tentativa da fuga dos agravos de um consenso. Afirmam! Por este ponto de passagem afirmam. Por ele compõem um brilho que se faz no desencadear de uma eterna procura. Linha de composição que a vida arrisca ao avizinhar-se da possibilidade de uma morte mais próxima. Possibilidade de driblar as expectativas. Jogar com um viver elevado a enésima potência de uma redescoberta. Porta longe. Porta perto. Permanece aberta.

Um tempo sugere não querer cooperar. Não passa e por não passar faz tudo permanecer onde está. Uma boca em um descerrar antecipa algo entre um abrir e fechar. Tremor revelando o torpor que exala na sala vazia. A distância se ergue menor. Avassaladora extensão. Um tanto que nem de chegada nem de partida se tolera ver. No ar um aroma amarelo salgado de suor e saliva misturam-se ao ruído irrequieto de uma matilha a comemorar a presa. Um véu azul reconquista o rosto e manifesta o encanto do dorso desnudo e sedento do aproximar de um abraço.

Um luminoso aponta por sobre a cabeça. Farol de acrílico cintilante faísca a brisa de um sorriso que desfila absorto a serenar um olho no olhar. Barulho e silêncio alternam suas partes lado a lado em um todo que delira e se põe ao lado. Rasga. Uma gota de suor gélido gaseifica no toque com o chão ardente. Um som de antiácido corrói o estômago banhado em vinho tinto. Delicadamente cítrico e um tanto adocicado de buquê irresistível denuncia o receio do momento extremo. Fustiga a passagem no impulso que intenta lhe impedir de ficar bêbado de um beijo vermelho escarlate. Olhos fechados. Boca encharcada. Mãos espalmadas. Atmosfera presa aos pulmões no empenho de um mergulho fatal. Um suspiro. Uma suspeita. Muitas outras. Todas estilhaçam aos cacos. Um roçar incontido anuncia o encontro de um lábio com o outro em uma

leve fricção que assovia. Suave vivo sonoro de sabor brilhante injeta uma mistura de salivas afetuosas em um inominável desejo.

O tom da paixão toma conta e por entre o calor das cores vivas compõe a imagem da atualização dos fluxos que se cortam em um instante. Delirantes escapam exalando o rastro do perfume que incita um retorno à aproximação. Surge. O esgotamento do sensível empurra para inevitabilidade de um afastamento. Excesso que retira o ar e potencializa uma pressão que anuncia explodir aquele instante. Ascensão do segundo seguinte que faça criar um indizível. Force preencher todas as variáveis do possível até que reste apenas o impossível no vazar de um sorriso que grite um sim a vida.

Uma sensação de alívio anunciava a posse do corpo. Estômago não concordava. (Des)sintonia com o cérebro! Um ronco sonoro. Chegava aos tímpanos. Trombeta do final dos tempos. Apocalipse! Remetia às entranhas. Ronco. Fígado. Poderiam lhe ter retirado. Estar corroído. Novo colapso! Inércia. Agonia extrema. Outro momento.

Estava em crise. A vida estava! Tão jovem. Pensava. Cérebro. Um movimento. Apenas o cérebro movimentava. Criava um modo de economizar suas forças. Hibernava o corpo. Fazia circular desconexos múltiplos pensamentos simultâneos. Uma multidão! Invadia a mente. Não o bastante invadia o quarto um enxame a zunir. Zumbido. Som estridente. Tremia a cama maciça. Pequeno móvel tremia. Tremia e fazia tremer a cama. Estava à beira de sucumbir. Um Choque. Cérebro. Som ao patamar de eletrocutar o cérebro. Cozinhar. O que se ainda restava em vida. Espasmo! Um espasmo! Último suspiro de vida. Pensamento louco. Logrado. Restaria mais nada. Uma imagem distante. Ínfima lembrança. O desfalecimento se encarregaria de fazer esquecer.

Permanecia a tremer. Tremia e fazia tremer a cama maciça. Instrumento satânico. Desacomodava. Jazigo moribundo. Último torrão restante. Último antes de um inevitável.

Um menino retorna ao caminho.  
Caminha. Passo após passo. Afasta.  
Uma breve parada. Uma cabeça que  
gira. Um último olhar. Não se des-  
pede. Prossegue. Escolhe deixar vi-  
ver. Esquece a lembrança e na íris a  
cor faísca vida. Faz viver. Próximo  
passo. Próxima linha. Caminha. A-  
fasta. Prossegue. Sem rima inventa  
uma vida viver!

Adorava os desenhos animados de Walt Disney! Quando criança adorava! Cinderela. Branca de Neve. Gata Borralheira. Tenho o quanto eles acariciaram minha vida! Hoje, um modelo de vida, de família dos relacionamentos amorosos. Tenho vontade de esquecer. Frequentemente. Mais a frente. Expectativas! Conjecturas. Hoje talvez matasse Walt Disney. Essa mensagem açucarada! Induziu a fabricar tantos castelos de papel crepom! Como fico amarga! Cobro tantas atitudes que não tenho. Acho que sou um discurso silencioso. Rabugento e silencioso! Sei o que gostaria de ser. De fazer! Parece tão distante. Quase um sonho. Como é bom sonhar! Minha vida mais parece um pesadelo! Acho que já disse isso! Ou algo parecido com isso!

Já não vejo mais desenhos animados. Eles me soam infantis. Tenho filhos. Dois. Um casal. Lindos! Adoram desenhos. Vêem inclusive os da minha época. Tenho saudades dos tempos de criança. Já não espero mais o príncipe encantado. As esperanças já não mesmas. Casei. Há muito tempo. Vinte anos. Passou tão rápido. Teria de fazer na ponta do lápis as contas. Nunca gostei de matemática! A professora não ajudava. Nem um pouco! Recordo daquele rosto sisudo. Os cálculos espelhavam sua cara!



Aparente mesma coisa. Espinha dobra. Uma vidraça muito longe embaralha a vista. Tudo longe muito. Trem continua indo. Sete palmos. Muitos trilhos. Sem intuito. Multidão de corpos. Enterrados mortos. Vivos retornam. Tumba no alto do morro do mesmo mundo. Muita dor. Sono. Ressentimento.

Dos trilhos não pode afastar. Toupeiras a atravessar castelos de pedra. Cidades se fazem em quadros. Cabeças oscilam. Sono sobressalta e abandona o corpo. Balbúrdia de uma pluralidade de vozes. Mudas. Cada qual um desenho. Uma intensidade. Singulares realidades. Mesmo banco. Distantes formas. Distintas tensões. Tamanha confusão.

Quantas luzes. Noite da cidade mundana. Signos. Proliferam guetos. Noite clara. Escuros becos. Noite se faz clara. Tão clara! Olhar não vê. Não pode. Olhar não tem. Clara. Noite. Noite clara olhar não vê. Longe um sobrevôo. Precipita calma. Inércia. Resguardo. Longe tudo resguarda. Acalma. Movimento. Olhar não vê. Perto. Tudo move. Tudo se move. O prédio. O carro. O trem. O caipira. Também. Menos. Bem menos. Olhar não vê. Perto. Nem assim. Parece longe. Longe de perto. Isso assim parece! Olhar não vê.

A estação. Não mexe. Mexe trem. O caipira. O tempo. O olhar. Não mexe estação. Será? Não parece. Se bem que. Não! Sei que. A estação. Ela. Mexe. Será? Parece.

Se mal que. Sim. Não se que. A estação. Ela. Agora não. A estação. Ela. Não interessa agora. Trem. Caipira. Que vem. Quem vai. A estação não anda. Será? Talvez. Não mexe isso! Trilhos. Tudo nos trilhos. Interessa o trem. O caipira. O trem nos trilhos. O caipira. Também. Menos o que mexe. Menos o que anda. Menos a estação.

Todo dia. Toda noite. Noite e dia. Dia e noite. Todo dia e toda noite. Repete o trem. Vai. Vem. Vai e vem. O caipira. Também. A estação. Não sei. Essa parece ficar. Permanece de onde não sai. Pra onde não vai. De onde não vem. O caipira. Também. Não pára. O trem. Todo dia vai. Todo dia vem. O caipira. Também. A estação. Não. O caipira. Também. Nem sempre. Quase sempre. Sempre que fica. Não vai. Não vem. Fica. O caipira também. Fica. Na estação. A estação fica. O caipira fica. Fica na estação. O trem vai. O caipira. Também. Vai. O caipira. Vai com o trem. A estação fica. O trem vai e vem. O caipira também. Vai. Vem. Fica. Vive também.

O trem é sonoro. Dia-a-dia vai e vem carregando em cada apito o ritmo acelerado que tem. A vida tem. O trem carrega quem vai. Também. Quem vem. A sinfonia se faz nos acordes sem pauta. Atritar com o ferro dos trilhos. Faiscar em purpurinas polvilhadas ao rosto. Palhaço que quase em lágrimas ao abrir das cortinas se põe a sorrir.

Nem toda cidade canta. Nem todo palhaço sorri. Nem toda música faz alegrar. A cidade chora. Também! Maior parte do tempo chora! O trem vem e vai. Leva em seu leito o que pelo caminho encontrar. Um ritmo frenético frágil de acompanhar. Uma batida seca. Marcação de compasso. Um agudo alto. Distorce e se afina. Desafina. Disposição. Cansaço. Vem e vai. Vai e vem.

Um bocado escondia por entre as linhas!  
Dizem. Escrevia sem! Nem desconfiavam!  
Tinha sempre um ponto esticado. Achava  
bem. Caneta e papel. Cadeira à tarde no  
fim de onde fugir! De onde voltaria sem  
castigo, esquecido de onde pensaram  
nunca sair. Quanto entardecer! Amigos!  
Cores! Lugares!

Corria que brincava!

Bebia que amava!

Dobrava a capa por sobre o branco!

Mesmo banco. Se quisesse fugiria! Volta-  
ria sem que notassem um passo! Passa-  
riam os dias! Passariam ao lado, por bai-  
xo! Menos doeria assim! Dizem que as-  
sim diria. Que dizia! Calado. Dia em que  
nunca voltou. Dizem. Noite em que nun-  
ca partiu! Contam.

A relação do sensível e do concreto faz entrelaçar um percurso nebuloso que impede uma determinação absoluta. Nenhuma relação pode ser dada como toda. Pode? Quaisquer postulados que permeie um entrecruzar de mais de um têm-se retirantes cada vez que lhe querem dominar! Cada série interpretada e traduzida. Cada série estabelecida não bem assume uma forma já demarca uma localização. Ocupa uma função específica e esvai-se em um fluxo mutante que deforma a forma que subsume. Agride a fronteira das terras mais longínquas e erige um diferencial da especificidade em um derramamento que se faz desembaraçar.

Composição de um evento afirmativo. Luz cósmica que faz do corpo leve pluma a dançar no espaço ilimitado que se descortina sequioso de um fragmento de contenda. Uma explosão das partes determinadas que desencadeie o êxtase que uma vida a cada dia promete. Êxtase que a noite abaliza e o amanhecer seguinte cobre de esperança. Um milagre? A eterna espera do divino instante em que as coisas se encaixem. Finalmente se encaixem e em algum sentido se possa produzir em um viver.

Uma boca não faculta derramar som sequer. Comprometida com tudo que lhe acerca essa teme dizer o que não arranja compor em um sensível. Trava a língua ao ponto de só o silêncio surgir. Nada tem a língua a dizer. Não o quer. Sabe essa que não pode. Também sabe essa que aquele silêncio denuncia um algo que não pode conter. Incontida a palavra foge. Rola campo a fora. Serelepe. Conclama todas as luzes e aguarda os aplausos.

Olhos piscam e são recapturados ao espaço-tempo que reclama sua presença. Sucumbem no fechar e abrir que alterna o lugar. Imagens do pensamento que aos pedaços descarrilam esvaindo-se no destino em queda precipício abaixo. Sensação de vivido. Mistura com as teias da lembrança que querem conter o fluxo e reconstituir a cópia. A memória sobressai adúltera da coisa. Lágrimas. Derrama por entre o drama do estelionato da razão que deseja. Lágrimas. Desesperadamente deseja controlar o vivido. Estende. Classifica. Arquiva. Burocracia imagética profere até parir um ser a partir da lei aclamada que deve se fazer impender.

Os olhos já não discernem a geografia que abarca aquele instante. Um movimento orbital. Uma diminuição de velocidade. Um tanto que as múltiplas imagens cedam ao apelo plausível de uma representação estática. Identificação passível. Entendimento presumível. Quadro a quadro.

Na contramão daquela visão confusa pés descalços beijam o piso frio espalmados a olhos nus. Geografia delineada de um desejo incrédulo. Amordaçados. Idéia recorrente dos olhos. Poder deixar cair às pálpebras e declarar paixão eterna aos sonhos de uma noite suavemente adormecida.

Serena vomita as trompas. Sepulta os tímpanos. Sela a boca. Respira um inferno vivo de olhos abertos por dias vermelhos. Dilatadas pupilas de uma vida. Sem dúvidas! Ópio das respostas prontas. Sobressaltos de discursos. Verdades relativas. Rebuscadas pilastras. Cerco imutável. Cores em linhas. Um certo assegurado e um errado afastado em discurso. Coloridas linhas. Traços. Sabores. Ritmos. Amores. Coluna de concreto. Vida amedrontada inclina e não torce; fissura e não quebra. Retém em mar aberto a tangente da composição de um. Três. Dois. Um. Desenho abstrato. Alternar rítmico. Um ato. Olhos fechados. Fechar e abrir os olhos. Acordada.



Outro instante de silêncio. Um vácuo. Suga toda a vida. Transborda um momento. Um olhar que tranca. Pára. Um foco que pressiona a cena ao limite da loucura. Loucura que separa um ato do absurdo. Uma piscadela. Um esfregar das mãos. Um estampido em contraponto. Ritmo. Pernas descarrilam e dobram por sobre os joelhos. Projetam o corpo à frente. Rostos entrechocam. Um beijo. Estilhaços. Livre e selvagem. Resvala em visco úmido. Beijo em prosa.

Apagar todas as luzes e alçar ao lado um tempo-espço de um ineditismo que ultrapasse qualquer limite de um imaginável. Nesse corte abissal tudo se dissolve em acanhadas imagens. Entre o claro e o escuro a vida pisca, pulsa e envolve. Imagens que levam no seu rastro um beijo e pelas marcas esquartejam o cérebro do inteligível. Sensação toma o leme. Desprovida da finalidade de ir a lugar algum atropela o que se fizer postar a sua frente. Faz-se passar. Resta como resultante pura um fluxo incontido. Resultante desprovida de modos e de conteúdos. Desertora dos espaços e amante do tempo vivo. Sem amarras. Sem passado. Incauto que nasce bastardo e pela simpatia desdém da coroa.

Tudo que emerge mais caro não cabe na gramática que aprisiona os verbos mais liquefeitos. A palavra nem de longe acerca os sentidos e avizinha as sensações que

fazem de algum modo um ser. Um tanto. Tão reles espaço. Um quê de não-tempo que nunca foi. Cala! Retira-se de cena. Aconchega-se na folha branca de capa densa. Entre todas as outras palavras de sua espécie. Dorme! Na verdade hiberna na espera de ser despertada por um ser militante de algum ideal que lhe torne novamente audível. Pronunciável. Assimilável ao ponto de poder vestir-se de festa e desfilar como verdade.

Agora, não! Um beijo. Uma noite que se abre. Um abraço. Um dia que não existe. Línguas. Mais existe nada. Mãos. Agora apenas noite! Pescoço. Encontro das partes que enxota. Orelhas. Agora se faz parte. Um todo. Líquido. Composição das partes. Carne. Estrela brilhante no céu da noite enlutarada de um verão apaixonado!

Um rosto tem mais rugas  
que as ruas que desfazem e refazem as curvas.  
De volta pra praça onde  
em preces suplica que a  
morte lhe abrace. Um  
beijo. Uma última vez!

Não se quer mais os ruídos do mundo. Vão pra bem longe! Mariposas desbotadas revoando a espreitar os dias! Silêncio. Projeta-se uma boca sem gramática. Órfãs palavras destituídas de língua e de voz. Solidão. Segredo surdo de não mais carecer escutar. Boca pra beijar sem palavras as cascatas de lânguidos sussurros. Derramar sem amarras um incauto de viver nu a céu aberto.

Desligar a televisão. Apagar as luzes. Trancar as janelas. Todas as portas. Assentar o corpo além. Lacrar tudo e atirar as chaves fora. Pisar sem lugar. Uma quadra afasta o ontem. Do mês passado uma que não se vê um fim. Poucos minutos restam. Mãos se enrolam. Modelam a face partida no espelho. Mil pedaços. Espalhados no quintal de tanto cansaço recheiam um espaço. Não muda o rosto. Caem as máscaras. Essas tornam a se instalar! No carro pernas estendem. Acelrador e freio. Tempo alternado. Espaço alterado. Pisca-pisca para um lado. Pisca-pisca para outro. Curvas dentro de curvas em linha reta. Tortos desvios levam de volta. Ponto do qual sequer se partiu.

Não esperava. Invenção do acaso. Inevitabilidade presente. De um que sempre acontece. Oferece um de sua compleição. Ar fazia acolher. Uma leve brisa. Tocava rosto. O corpo. Afagava. Algum vestígio de vida. Presente. Um em última promessa. Um fio. Corda desdobrada. Das profundezas emergia. Desconforto. Depressão. Desespero. Forças que desde há tanto rondavam a alma. Medo. Forças que desfiguravam o corpo.

Aventurava um olhar. Esquadrinhava no quarto. Uma figura. Rastreava todos os centímetros quadrados. Área de clausura! Ânsia. Veleidade. Vômito. Ansiedade. Fundar com um anjo branco! Salvar-se! Necessidade. Nada podia. Torturados sentidos. Olhar. Sonoras ondas. Cessado silêncio. Longínquo além. Retornava. Salve! Certa medida de paz. Desespero. Fé de um momento único. Um Caminho. Uma verdade. Uma vida. Amém!

Palavras inaudíveis. Balbuciava. Pretendia uma prece. Apertava a visão na direção de um infinito interior. Outra forma. Abria Mais adiante. Movimento de conjugação do divino. Deveria emanar das preces! Um novo olhar. Jogava-se. Surpresa! Fora pego pela figura. Sombra. Sobrevoava o quarto. Forma. Contraste. Clareza. Dia ensolarado. Lado de fora. Um esbarrão do olhar. Inerte. As coisas lhe haviam colocado em surto. Ainda degustava. Efeitos. Encontros. Sintomas.

esculpidas palavras escorrem pelos dedos, matéria informe, barro úmido, pedaços esparsos, perdidos no peso imposto no corpo, garras de uma queda, inevitável textura que mãos de olhos fechados desviam, brilhos que estilhaçam chispas sem sentido, pedaços dissecados na composição de um isso sem molde ao longe, sem rosto, olhar perdido sorriso de costas, aplaude

Não sei por que mudam tanto os nomes das coisas! Só pra complicar! Minha vida não muda. Ela passa. Esse tempo também passou!

Sou feliz. Juro! Tenho momentos de tristeza. Quem não tem? Não se pode ser feliz todo tempo. Tem-se que depositar esperança no futuro! A fé remove montanhas!

Mentira!

Minto. Desabusadamente! O mundo mente. Sempre. O tempo todo. Se falasse o que penso! O que sinto! Seria a mais pura heresia!

Loucura!

Devo me controlar. Encarar a vida como ela é. Carregar minha cruz. Desfrutar o que a vida oferece. Viver é uma dádiva! Estou cansada dessas baboseiras. Não sei mais o que faço! Cada pensamento rouba outro pedaço. Definho a cada pensamento que passa.

Os muros ficam cada vez mais altos. Tentei dar a volta. Porta fechada! Arrisquei um lado. Direito. Outro. Esquerdo. Depois. Portas fechadas! Espero uma fresta. Espreito. Quem sabe um dia! Uma noite.

No altar voa a voz mais sagrada! Ouvidos sangrados de sublimação. Escutam a boca que engole. Digerem espinhos em fragrâncias de flor! Demônio da vida. Cheiro de amor. Receio. Sacode o rabo. Pisca. Verte em água sólida o viscoso que escorre todos os dias! Tomem cuidado! Profere. Cada vez mais volúvel enrijece as pernas. Os quadris. Veste de vez o ardil em desprovido pensar. Induz aos contornos do céu donde cobijaram fosse o lugar!

Não sabem bem o que escutam, mal o que dizem não sentem. Cientes de palavra sequear, menos se soubessem mais adiantaria de nada! Não pára! Sem nome. Troca de lado. Dias se escondem das noites.

Trêmulo no gelo destila. Superfície transparente em lago álgido. Refresca a dor. Oferta uma cruz. Dedos mastigados em um minuto próximo. Gagueja um mundo pra em um gole esquecer. Desce garganta abaixo!

Resto de água sobra. Agridoce tempero entorpece uma língua. Sabor alheio! Engole um cão que destroça em derramar um gosto. Esconde de onde, esconde o cheiro, o gosto e o lugar.



Fecha os olhos, trava  
a língua, arrolha  
os ouvidos, fecha  
a língua, os ouvidos  
trava, os olhos  
arrolha, trava  
arrolha fecha, os ouvidos  
os olhos, trava  
passará paixão, passos  
passam passos, passadas  
passarão!

Passa um ônibus. Pra onde não diz. Enigma revolve um que não tem querer. Vai. Sem pensar embarca. Não mais voltar. Nem um adeus! Até logo! Olhos abertos. Um sorriso nem se sabe de onde. Canção de fugir! Deixa nada pra trás.

Ai de quem morreu de olhos abertos na esquina onde os filhos atravessaram o marido e onde a mulher atravessou o olhar! Vento de um suspiro. Dor desbotada. Foi. Despojada. Esqueceu! Que o disse. Ouviu que. Desfiou! Língua solta. Apodreceu tempo. Tempo atrás.

Não se sabe o se que é. Vai-se. Pra onde! Se de onde não veio sabe! Composição disso. Isso sem contorno. Entre. Entorno. Alegria. Erva. Margem. Retorno. Partes.

Isso foge! Isso faz fugir!

Crianças esperam no colégio. Crianças esperam! Um marido em casa. Um patrão no trabalho. No trabalho um marido não espera um patrão em casa. Toca um zumbido! Refúgio dos confins de um medo. Destila aos poucos. Delicado e atrevido lambe os beiços e arregala os olhos. Urra que volte! Não se quer ir! Não se pode. Mais. Menos. Já não há tempo.

Pára! Sem parar continua. Bate a porta. Três passos. Fecha os olhos. Tira os sapatos. Pára. Para poder continua! Pressão cozinha fronte. Óleo coruscante dilata. Instante! Pinga suor. Descalços pés borbulham. Calçada fora. Essa insinua. Esses também.

Na cozinha muda nada. Hora. Está na hora! Crianças! Rua atravessa o tempo. Atravessa a rua. Olha de lado. Cega. Tateia um parapeito no inferno. Doem as costas. Peito. Cabeça gira. Última parada?

Dissolve na rua entre duas calçadas! Um olhar. Passa. Tudo passa! Uma vida deseja viver essa vida. Não outra! Agora! Um máximo que o eu não possa! Um algo! Dentro ferve carne falecida! Faz crítica de nascença. Intenta esquecer. Imagens. Febre chispante. Sobrevoam rasantes idéias. Pensamentos. Norte. Sul. Por aqui volta pra casa. Um dia mais próximo que ontem. Afago da morte! Um dia mais morto. Um século mais distante. Mais distante que ontem!

venta, vento não,  
 vento não vem,  
 via, vento não se  
 vê, vem vindo, asso  
 via, não venta, in  
 venta vento uma  
 via, vento vem vindo  
 ver-se, vem o vento sem  
 ver-se, vem o verso, vindo,  
 reverso, verso, contínuo único  
 do universo, vem o verso no  
 vento, verso indo, vento zindo  
 ,vento no verso zunindo, vento  
 venta, vento sim, venta na via  
 no verso, ventania indo venta  
 no verso, venta ventania zunindo,

Tem um viver que se dramatiza na falta! Pensa. Repensa. Diz coisas. Não diz o que quer. Não diz o que sente. Muito menos faz! Acompanha o fechar e o abrir dos lábios. No espelho pronuncia as palavras que já não cabem. Faz do reflexo um personagem. Divaga em tardes solitárias. Longas pernas cruzadas. Sensação de cada manhã! Demasiado corpo quente. Ressente de um corpo. Vida comportada. Vestes longas em tardes frias. Dias.

Noite cala! Faz preces à espera. Sem noção do que passa fabula delírios. Pernas em relação aberta. Aquecem a superfície fria. Encobrem passantes. Um rosto. Esse sorri esconder-se. Nuca retorce. Uma volta. Duas. Três. Só sossega ao distender suas fibras. Reclina a cabeça ao colo que lhe torna a casa.

Gira a sala. Permanece estática. Absorta. Pequenos movimentos de duração infinita. Pernas esticam cruzadas. Pés. Unhas vermelhas cintilantes. Conectar as partes. Palma do pé cria linhas que espalham. Língua solta absorvida em presa nua. Escorrega quente em suor frio.

Mundo surge. Dedos cruzados. Dedos repletos de bocas multiplicadas. Línguas de esmalte vermelho. Revolvem a descer montanha acima e afundar na garganta devassa. Enlaçam-se quadros mal focados. Ao lado correm. Por entre tons descompassados. Respiração na percussão de um agudo. Desnudar de um anseio incontido. Solidão cotidiana travestida de pecado. Sorriso vestido em olhos cerrados.

Tapete florido dobrado em verso. Covil de saliências. Reentrâncias. Delicadas flores em uivos de contentamento. Encantos mundanos. Ressurreição dos mortos pecados. Gargalhadas. Firmamento aberto. Água. Terra. Sal. Vida que passa rente aos ossos. Sorriso delituoso. Êxtase de um ocioso ato.

A palavra se apresentou a ele crucificada. Coberta da necessidade de ser dada em uma ordem sensata. Sem um sumo de pecado. Na mão direita uma caneta-prego. Essa lhe adentrou a mão Esquerda, rompeu a pele. Santo prego. Bem e mal. Uma garantia. Necessidade de um ser bom! Dividiu o mundo ao meio. Conduziu.

Uma lembrança dos tempos de escola ante aos olhos. Contada a esmo pro filho. Uma mais real passagem. Ainda uma lembrança. Pobre pai! Politicamente apropriado pela intervenção da mão professor. Alma santificada pelo poder do profeta da noção. Descortinava o caminho da verdade e da vida. Lembrança. Discursa nas ondas de uma repulsa!

Se dez anos compusessem um século seriam muitos os que nasceriam adultos e poucos os que viveriam um dia. Se a esquina fosse a linha reta compreendida entre dois pontos já não mais se poderia dobrar aquela que revela o novo diante de olhos cansados com a visão de um horizonte distante. Nada menos exato que a metade entre duas partes! De um lado e de outro algo deixou de ser onde passou um dia.

Medida das coisas. Procura. Normas e procedimentos. Fabrica-se. Escalas. Caminhos de farelos de pão. Velas soltas ao largo da estrada. Adereços. Fantasias. Somem ao primeiro sopro de vento. Somem pelo abrir de uma boca voraz. Massa informe a alimentar um corpo. Corpo tem fome. Um corpo. Inefavelmente faminto. Corpo.



Sufrimento legado de muito tempo. Estabelece como impossibilidade fechar os olhos e abraçar o sono. Pés. Fogem. Alheios aos desejos que atormentam os olhos. Desconhecem que dentre as necessidades básicas configuradas àquele corpo foi retirada a possibilidade de adormecer. Cansados da claridade permanente alternando as horas entre o sol e a lua. Os olhos emendam a noite e o dia. Já não diferenciam a coruja e o rouxinol na linha reta segmentada de precisas vinte e quatro horas a cada martírio.

Os olhos desconfiam dos pés que andam embalados pelo vento da aproximação desejante. Uma montanha se interpõe. Obsta inalar o perfume de um viver diferente. Faz emergir um espectro que abriga a ausência da possibilidade de um descanso da racionalidade humana. Determina à sublimação as realidades criadas pelo antagonismo do desconhecimento mútuo. Os olhos e os pés fluem em uma intensiva variação na composição da unicidade de um mesmo ato. Suas linhas não se atravessam a não ser pelo ruído dos passos em fuga. Duas realidades e uma mesma composição.

Contava de um a dez. Vivia! Cantava preces ao milagre. Um anjo viera. Vislumbra. Reflexo de um sol projetado. Um socorro! Semblante distorcido. Uma mão. Horrendo demônio. Besta maldita. Viera. De vez as sombras. Levar. Ainda vivia. Ele viera. De vez levar seu corpo ao caminho das sombras. Prodígio maior! Anjo corpo-mãe corporificado na figura materna. O Controle lhe fugia. Engolia o assombro a seco em um latejo cardíaco da proclamação de um infarto.

Éden. Jardim prometido no próximo passo. Caminho de um lugar divino! Pensava. Súbito. Explode diante do peito um som brusco. Tímpano excitado por um grito estridente. Golpe uno. Perdera! Encontrara! Sentada à beira da cama sua mãe! Terra firme. Presente em carne e osso. Ordenava que levantasse naquele exato momento. Estava mais que hora.

Minutos. Hora. Escola. Dever. Na hora. Vinte minutos. Não outra forma. Não! Relegar que a vida começara a tomar curso novamente. Inevitável imagem. Peso. Gravidade. Força potente a curso. Dirimia o transe. Realidade. Quase se havia aniquilado. Confusão permanecia efervescente. Há tanto o acompanhava, mas nunca a provara assim tão real e prolongada. Um espasmo. Nunca tão assim intenso. Nunca tão longo e tão intenso e tão real assim.

De um ele pouco podia dizer. Quase nada. Escrevia o tempo inteiro, dormindo e acordado. Acontece que não derramava sempre tinta sobre os pensamentos e o que restava era nada mais do que pequenos borrões de lembrança a tornarem-se mais ausentes a cada passo. Um tanto que tomavam asas e sumiam sem adeus. Por vezes um beijo da noite. Esse aproveitava a retirada do dia em suas vestes de claridade. Trombam batalhões de demônios chegados de todos os cantos! Uma vida como ela é. Essa deixa de ser. Resvala por labirintos sem silhueta. Sem entrada e vidraças. Sem passagem de volta. Sem mágicas alumiadas. Experimenta outra visão.

Entre o salto e o solavanco um grande vácuo derrama sua bÍlis! Grita ao tomar a boca seca. Chora múltiplas amarguras calada. Muita agonia carregar a carne podre que esconde os ossos! O que lhe deixa mais inebriado sobressalta em um silêncio Não necessidade de movimento qualquer. Pirueta do ar que invade o corpo e foge sem deixar pegada. Pena que se possa desfrutar pouco desses encontros órfãos! Longe dos outros. Ignorantes de um eu!

Tenta. Não acontece pelo desejo! Tenta tanto que a fronte denuncia e latejante bombeia o sangue em uma torrente perdida de pontos brilhantes em uma longa colcha escura. Espaço preenchido. Poderia esquecer-se do tempo! Não ter lugar! Esconder o corpo no armário dos fundos! Esquecer de vez do que não sabe. Do que sabe. Seguir. Passar. Fugir. Viver.

Tem um aqui que fica toda tarde de mãos estendidas voltado pro rio. Todas as tardes sempre em um minuto exato. Em outros dias que não sejam naquele imediato e em certo momento, não lembro de ter escutado essa voz. Um som sequer. Um mínimo gemido.

Todas as tardes sempre em um minuto exato. Fala! Fala! Fala! Quando o sol deita na margem do rio e revela sua face enrubescida pela presença da lua escondida a distância. Quando os pássaros assumem os ramos das árvores em compasso de espera pela noite que chega. Quando as mariposas revoam sem direção ou caminho. Quando os mais diversos sons dispersam-se arrastados pelo vento. Esse de pernas finas e costas pouco largas. Esse ergue sua voz. Palavras talhadas em prata e ouro. Fala! Fala! Fala em deus. Com deus. Em ser. Em ser deus.

Doce criação. Eterna partida. Chegada de todos os tempos. Burgo sem plágio e abrigo. Corre no espaço infinito. Sentada. Pára e espera. Calada no canto. Caminho desce a calçada. Definha. Rola na sarjeta barrenta. Pula acordada. Não espera um destino. Ignora o torpor do seu beijo. Ignora o furor que leva consigo. Margem adversa ao leito da história nomeada abominável despedida. Partilha da febre suada. Lágrimas lambidas pingam ao chão. Serena no buraco da vida. Esquecida. Descalça no sol da terra. Noite de chuva. Aguda. Rasga o cheiro doce da lua. Sem meias palavras. Sem visão investida. Solitária aguarda. Impercebida.

Tem tempo que não ouve! Pra baixo. Pra cima. Mesmas teias. Mesmo canto. Forma e textura. Mesmas. Compostura e paladar. Pessoas! Coisas! Angústias mesmas. Cansou de ouvir o tempo praguejar da vida! Fica sentado em um que circula ao redor. Língua remói o sono que foge. Fio de neblina. Primeiro. Tosse cuspida. Dor diluída. Fosca de querer pensar. Páginas em branco. Uma palavra seria a ruína! Diz tanto que repete a morte! Boca aberta agarra a língua. Ouvidos indesejáveis! Deseja que lhe retirem os tímpanos. Essas asas atrofiadas que nunca imaginaram poder voar! No fundo queria poder escutar!

Não quer mais as imagens do mundo. Quer o vazio de uma solidão. Órfã de língua e de voz! Solidão de um tempo estendido. Lugar sem lugar. Língua sem boca. Divina deusa louca deitada de pernas abertas na escada do altar! Não tem interruptor na sala que o dia ilumina e a noite contamina em suspiros de luar! Não tem trancas. Não tem portas. Nem calendário do ano. Mudaram-se todos!

O ponto é que não sou. Não se trata de ser. Queria dizer uma palavra pra acabar com isso. Esse isso não deixa. Passa!

Se um dia receberes essas linhas talvez não me possas mais falar. Não te ressintas com isso, também eu não consigo. Leres o que escrevo me basta. Basta o que escrevo!



Roam os dedos. Cuspam as tripas. Transpirem o sangue sem sono da cratera farta de hélio. Balão febril por sobre ombros vastos de tão largo. Descarrem a fuligem e o cinza de abril. Outubro vermelho. Dezembro vinte e cinco. Dancem as bruxas em puro branco celeste sutil. Rasguem as roupas. Finquem as asas. Anjos devassos de um outono sem passos. Passem os santos. Os doces pecados. Cuspam na páscoa. Insensata cantiga de roda. Historinha de cantos de fadas. Lingerie ofuscantes. Sete oitavos. Um terço. Uivos de feras devassas. Pernas roliças. Doces semblantes. Seios rosados. Corpos suados. Juízos apodrecidos. Sorrisos lisos. Delírios. Desejos oitantes. Prazeres sem senso. Suspensos no tempo. Sem pai. Mãe e sobrinho. Esquece da hora. Esgota o possível. Sem volta retorna nas cordas do grito. Sem rota arrota um inexprimível suspiro.

Se os olhos demandassem um dizer di-  
riam diante de toda claridade de seu  
olhar que todo esse alvoroço revela a  
agonia de uma vida privada em des-  
cansar. Sina de não poder sonhar. Por  
efeito entristecer e definhar rondando  
noite e dia sobre a clausura de pés. Es-  
ses só fazem emoldurar a dor de não  
poder deitar. Os pés diriam palavra se-  
quer e de imediato se colocariam em  
fuga. Irromperia o espaço ínfimo e se  
arriscariam no ilimitado de um desco-  
nhecido. Um raio de intensidade poten-  
te a correr sem direção prévia. Sensível  
ao calor e ao tecido. Novas cores a des-  
carrilar frente aos olhos. Outras for-  
mas. Outros sons e outros odores.

assim outubro no mar de maio  
 montanhas em julho  
 abril em setembro nas montanhas do mar  
 dezembro de outubro  
 meio de maio do mês  
 de um janeiro de meio  
 ao fim de setembro de março  
 março de um dia sem fim  
 sexta-feira de junho  
 primeiro ou segundo  
 trinta quem sabe  
 um outro dia agosto assim

um  
zigue  
um  
zague

lado

direito

esquerdo  
passa

centro

corre

acima  
abaixo

ricocheteia

ricocheteia

ricocheteia

quatro  
cantos  
um  
dois  
três  
quatro

cantos  
sem círculos  
redondo  
um foi.

foi.

Cabeça inclinada.

Joelhos dobrados.

Escuto.

Digo nada.

Essa de todo dia, de toda noite. Passa. Vezes sem ser vista. Vida! Uma sem nomes. Sem futuro! Sem lembrança! Alturas. Experiências inesquecíveis. Outras? Nada além da margem serena de um rio. Ondas? Outras? Outras ondas revolvendo o papel branco. Nem tão branco! Esse monstro nem tão branco. Engole as palavras que não se escrevem! Antagônicas e semelhantes, linhas se cruzam, retorcidas compõem emaranhados, derramam entranhas ao largo. Distantes tão próximas! Pernas cruzadas, dedos cansados, boca ressequida. Olhos vermelhos. Marejados olhos de estranheza e, ainda nem se saiu! Nem bem se sabe aonde se vai! Como se pode voltar? Como se faz para sair?

Um corte! Incisivo. Vertical e afiado. Romper os laços. De um lado ao outro! Outra vez de outro lado. Mais um, outro e mais. Um bisturi? Seria pouco! Talvez, uma guilhotina. Uma que sulque logo abaixo do queixo até a nuca! Que faça rolar fora! Um piano toca uma última nota! E nada mais! Linha de sangue. Ramificação em mil tentáculos. Procurar um ponto. Ponto? Não tem ponto! Está extinto! Extinguiu-se! Não existe parada! Linhas! E mais linhas! Linhas que escapam. Linhas que voltam. Estrada à beira da estrada! Geografia intensiva. Um piano toca. Toca uma última. Nada mais!

Saíram todos!  
Ficaram somente as paredes.  
Olhos abertos.  
Visão contínua.  
Um negro vazio tão cheio!

O pai. Esse da terra. Que tem sono. Que tem fome. Que tem filhos. Passa pelo filtro. Também. Parte fica. Parte prevalece. Encaminhado a fazer parte desse todo. Todos batizam mundo. Mesmo sem saber se passa. O tempo persiste. Mesmo sem perceber o que praticam. O que dizem. Herança humana. Determina os passos. Compreende os espaços. Modula. Amortiza a velocidade. Vida em quadros concretos. Visíveis. Estáveis. Obriga a semelhança pela verdade dita do pai de todos. Promulga a necessidade. Revela. Cobra a condição de ser. Ser como o pai. Ter como o pai. Ter-se! Recusar o demônio. Terço! Esquivar das garras afiadas da escuridão. Fugir do incógnito. Do ilícito. Adulterar? Não. Cultuar os anjos. Deve. Rezar a cada noite. Deve. Cada refeição. Penhorar sempre os convites da vida. Deve. Viver de cabeça ao centro. Nunca abaixo em direção ao abismo do inferno. Deve. Sempre acima. Venerar o ser superior ao qual deve a vida. Deve! Deve! Deve!

O pai da terra passa a existir. Esse! Sem direito de escolha recebe uma designação. Isso! Ganha uma família. Cresce. Civilizado! Trabalha. Domicílio. Constitui raiz. Filhos. Casal de preferência. Isso. Espelha imagem do pai. Da mãe. Obrigação dada a priori. Escolha? Perpetuar a casta. Prosseguir na obra divina. Sustentar a vida viva. Sentença! Essa. Cultivar o rebanho em seu caminho. Onde? Pai não sabe. Muitas



vezes não sabe. Disfarça saber. Por ser. Por ser pai!  
Um pai deve! Deve ser resignado. Deve ser cordato.  
Deve ser afetuoso. Deve ser responsável.

Um pai deve ser! Deve o ser! Deve ao ser! Deve! Ser pai  
é estar em débito! Ser é estar em débito antes. Dívida  
com o que se espera que ele deva ser. O pai da terra  
devedor do pai do céu. Filho do pai. O pai do filho da  
terra também pai. Ele perpetra no filho um ser devedor  
também. Assim o tempo espera. Essa vida segue. As-  
sim deve o ser. Assim deve ser. Ser que deve ao ser!  
Deve permanecer devendo! Assim disse o pai! Assim  
sempre foi e será! Será? Memória gravada em prata e  
ouro. Caleidoscópio de opiniões.

Outro movimento. Experimenta  
desfiar a memória solidificada.  
Quando lembra cria vida. Projeta  
em muro branco. Enlaça qua-  
dros perdidos. Produz continui-  
dade. Pontos negros. Extrai gos-  
to. Cheiro. Cor. Um borrão de  
lembrança. Produz. Máquina de  
deformar o passado. Não refaz.  
Cada quadro pintado. Presente!  
Vivo! Deformado. Faz viver. Não  
recupera. Reverbera. Extrai. Cria  
um momento. Sem fim esperado.  
Sem enredo. Evapora.

Os olhos insistem em antecipar o perigo e nomear as impossibilidades que a língua grita em pavor extremo. Sustentam as rédeas e delimitam o espaço do possível. Os pés espreitam um piscar dos olhos. Uma brecha de poder pisar fora dos trilhos e com o sol às costas e a lua como estrela correrem mundo afora a experimentar o gosto de um viver que não separe o dia e a noite. Misturar forças. Furar os olhos. Criar um novo olhar.

Anilada noite clara, louca nave, encanto calmo, Insana névoa, alva rouca.

Sete salmos, neve clara, nódoa incauta, insano texto.

Decano pretexto perdido. Enceto sexto sábado. Retirantes retas roubadas, templo quadrilátero tracejado, quebradas ranhuras, rasuras, rastilhos. Linda louca noite, tresloucada, admirada permanece inerte, repousa entorno, passa.

Riscos, ruínas, rabiscos, retirantes roubadas, sete salmos, neve escura, noite. Rua noturna, louca neve em canto calvo, incauto insano pasto, insólito quadrado quebrado.

Sexto sábado setembro, traços, risos, reticências, linda leve linha louca. Tracejados.

Parcas palavras, rasuradas  
pobres e perdidas, procuram  
passagem entre. Apressados  
fecham a porta, passam  
a chave, atravessam  
a tranca. Pela janela  
caem, queda livre  
uma oitava, abaixo  
um suspiro. Salivadas  
sílabas silvas, procuram  
passagem entre, parcas  
palavras.

Tem um zumbido crônico no ouvido esquerdo. Agudo e contínuo vibra o tempo inteiro. Quando fala piora um pouco. Uma percussão ao fluir de palavras entrecortadas. Na verdade não escuta tudo que diz. Escuta pouco. Muito pouco! Escuta aos pedaços. Incompletos junto às coisas como pode. Pura loucura faz sentido. Provoca algum mal entendido. Também evita que escute tudo. Tem mais graça assim. Sente. Pode fazer o que quer com isso. Ninguém fica bravo. Já sabem como funciona. Abusa. Brinca. Faz piada com isso. Vive deslizando nas linhas de um silêncio intercalado. Ruídos de palavras que já não incomodam tanto. Pelo que entende, parece que fala assim também, mas, isso não tem como afirmar. Diz pelo que dizem. Pelo que consegue escutar do que dizem.

Tem tentado escrever. Por vezes as palavras parecem mais próximas. Correm de um lado pro outro. Fogem. Retornam. Sente que brincam. Sorriem. Por outras essas se escondem. Carrancudas. Pesadas. Choram em rostos quadrados.

Também tem dessas. Bate na parede do fundo. Rebate na da frente. Tenta a todo quebrar esses cantos.

Palavras giram no mesmo lugar. Essas parecem imitar a sina. Batem umas nas outras. Abraçam-se. Empurram-se. Arrancam os pedaços umas nas outras. Cansadas recuam. Selvagens avançam. Escuta-se um sonoro que ecoam. Cheiro de linhas queimadas. Conjugam um particípio pesado. Conectam um futuro intempestivo. Um presente infinitivo intensivo.

Mesmo caladas escuta-se um sussurro. Os gritos. Cada uma tem uma voz. Cada qual um tom em acorde. Partitura de vozes em tinta escorrida. Não se domina essa língua! Tenta-se traduzir as imagens que pintam. Não se consegue um bastante. Um traço. Um rabisco. Acontece! E se foram. Fugiram!

Essas palavras têm cores. Vermelhas brilhantes. Verdes opacas. Enredam-se, entrelaçam-se, compõem-se em retas mais longas e círculos cada vez mais redondos.

Uma tese? Por entre essas linhas? Por entre essas palavras que fazem linhas? Por entre essas que passam? Passa uma educação? Isso não pára! Sólido viscoso. Líquido gasoso.

Voices sem som se fazem escritas e fogem da fala a margem da tinta. Colam nos pilares erguidos. Assumem a cor que lhes cabe. Escorrem em pingos. Respingam nos cantos. Mancham a parede vazia. Enxovalham uma magna escritura prescrita. Mesmo tempo. Sempre um mesmo passo! Nem bem uma. Outra. Não bem outra. Uma. Palavras-máquina. Acontecem! E se foram. Fugiram!

Desorganizadas dessem o mastro e escorrem em zig-zague de um lado ao outro, paredes espelhadas, inclinados telhados, tijolo a tijolo compõem suas marcas. Racham por onde. Colam as vidraças. Passam. Correm onde não grudam. Grudam onde não correm. Não morrem. Deliram entre vozes. Brancas na negritude da noite. Negras na claridade do dia. Negritude e claridade. Brancas e negras. Meia-noite. Meio-dia. E se foram. Fugiram!



Pingos de chuva. Prédios. Calçadas. Respingos. Pedacos de vida e de morte. Mais dia bem noite quem sabe. Mais noite bem diga um sorriso. Olhos nos mares de maio. Terra no deserto de um grito.

Prédios, calçadas, embaçadas vidraças, fuligem solta misturada no ar. Cheiro de combustível dos carros passantes. Som das buzinas, frenagens, rumores. Um viandante maltrapilho esbraveja delírios. Velha senhora em passos duros juntando as pernas em sobre passo no sinal do cruzamento. Sirene da escola e da polícia, a ambulância e o caminhão de lixo, a médica ao celular e o camelô e alguns importados, o bêbado às quatro da tarde, a transeunte de cabelos compridos e bíblia embaixo do braço, o motorista de táxi, o jovem de gravata, a moça de saia curta, o ponto do ônibus brotando filas por todos os lados, o silêncio do guarda com apito na boca, a estação rodoviária indo e vindo de ônibus sem saber pra onde, o elevador que subiu, o celular que toca, a menina de mão dadas com a mãe que também é sogra parada em frente à vitrine, o pintor no andaime do topo do mundo, um avião cruzando o céu de outubro, um pardal no fio telefônico entre outros mil revoando a volta do calçamento, o tormento do pai que o salário já foi, do hilário tombo do *boy*, os papéis espalhados na sarjeta, no chão a criança que chora no *shopping*, a criança que ri com o tostão, o restaurante lotado, a assembléia em louvor de deus e dos homens, aleluia!

Aqui tem muitas coisas estranhas. Digo, por que me surpreendo com que vejo. Com o que ouço. Alguns andam da direita para esquerda sem parar. Outros cruzam esse caminho da esquerda para direita. Por vezes se chocam. Caem. Levantam. Seguem. Não param! Sem falar em outros que sobem pelas paredes. Quer dizer, tentam. Caem também. Levantam. Sobem outra vez! Uma loucura isso! Tem um que fica sempre em um canto. Olhos parados. Mãos trêmulas. Um pé. Direito. Faz marcação de um ritmo. Por sobre um esquerdo. Não fala o dia inteiro. Exatas cinco horas. Diz sempre um mesmo texto. Voz baixa. Olhos arregalados. Mão direita amassando a esquerda. Esquerda apertando a direita. Um sopro. Vê-se o calor da saliva quente espirrando em palavras. Fechem os olhos! Fechem a boca! Tampem os ouvidos! Apertem o nariz! Assim! Continuem assim! Mais um pouco! Podem um pouco mais! Voz baixa. Tom contínuo. Mesmo tom. Forte. Certeiro. Rasga o ar. Mais ainda! Esqueçam o ar! Não digam! Boca fechada! Olhos fechados! Espremidos! Contraí-

dos! Sem branco! Esqueçam! Esqueçam! Branco! Sem preto! Sem pranto! Esqueçam! Sem pensamento! Desliguem! Tentem! Outra vez! Continuem! Tentem! Mais um pouco! Mais! Mais! Um pouco mais! Sem cor! Sem preto! Sem branco! Limite! Não! Ainda não! Não! Ainda não limite! Um pouco mais! Um pouco mais! Mais! Estiquem! Isso! Estiquem isso! Mais um instante. Um instante mais. Em pé! Fiquem em pé! Não inclinem! Não caiam! Estiquem! Um pouco mais! Não dobrem os joelhos! Não dobrem! Sustem isso! Sustentem o corpo! Um pouco mais! Sustentem! Mais! Não! Não! Não! Não caiam! Olá! Estão aí? Olá! Ouvem? Podem ouvir? Ver? Olá! Digam algo! Levantem! Algum cheiro? Podem sentir? Respirem! Respirem! Outra vez! Falhou outra vez! Sempre falha! Sempre no retorno! Sempre falha no retorno! Se pudessem! Se pudessem retornar! Se retornassem! Uma. Apenas uma. Só teria essa. Somente essa. Somente essa uma. Uma única. Pergunta única. Anda. Passo por passo. Direção do quarto. Fecha a porta. Deita. Dorme.

Língua sustenta uma voz. Voz de um estado. Maior. Investido de verdade. Grávido de normas e procedimentos. Normas que organizam o espaço. Procedimentos que cercam as fronteiras e mantém seguros os caminhos que garantem uma chegada. Uma língua maior. Língua rege o movimento do vento. Organiza os teoremas e a moralidade. Desenvolve o conhecimento. A inteligência e a sociabilidade. Vem sempre do norte pro sul. Do oeste pro leste em direção da fronteira com o mar. Renega o deserto. Os mangues. A estepe. Um mundo sem rotas a sol aberto.

Essa tem bem perto as palavras que cabem e o papel que lhes cabe. Língua! Tem bem perto o espaço que deve ser ocupado. Sabe o que deve. Sabe sempre. Sempre sabe o que deve! Bem.

Do sul para o norte explode uma língua em fuga. Simultaneamente. Sobe caçando o superior da margem. Uma língua-linguagem a rebater nas paredes. Fala disso dentro do isso. Isso que mantém a outra. Falta de gravidade celeridade de sobra. Escorrega no liso. Traça o oeste no leste. Rasuras. Traçados de um deserto fértil. Desertificação urbana. Envolve e apaga. Sobe pela direita. Desce pela esquerda. Cresce pelo meio. Multiplica divisões de um horizonte. Mesmos pontos. Outras tangentes. Novas trajetórias. Uma nova lua no mesmo sol.

Imagens deformadas e inconformadas em um cotidiano sempre ali! Uma espera de descoberta. Desejos! Sempre eles! Esconder às sombras. Esconder-se? Tudo se esconde! Para aparecer depois? Também! Um sol. Estrelas e um céu azul. Cobertas e labirínticos fragmentos de pequenas instâncias de tempo de um viver. Mostrar e esconder.

Um território vago por entre a filosofia e a arte que antes de fincar uma bandeira procura içar velas e partir rumo a um ilimitado. Uma literal loucura? Intempestiva? Vestida de corpos. Esses desafiam inundar todos os espaços. Muitos mares! Montanhas? Abismos! Parques e praças. Provocações. Terremotos. Uma avalanche de sensações a despencar bem em frente aos olhos. Um entretom de um pensamento do impensado.

Abertura de crateras. Essas expõem os ossos e o sangue de um pensamento. Esse que na diferença se delicia de um sabor. Pensamento de uma impessoalidade criadora. Pensamento da possibilidade de um distanciamento. Descoberta ameaçadora de que o timão nunca esteve às mãos. Descoberta de que a deriva se faz instaurar na realidade mais viva! Mesmo que dela se imponha a fuga! Imensidão aberta em um precipício logo abaixo dos pés! Um pequeno ponto sem luz. Brilho de um universo ofuscante! Linhas. Linhas. Linhas.

Por entre. Nos entremeios. Um suor gasoso. Alastrar de pensamentos! Entranhas de séries. Possibilidades e impossibilidades. Vibrantes potentes variantes viventes. Acontecem! Um pensamento alegre. Viva o desejo! Doce procura! Dolorido movimento! Problematizar! Proliferar! Respirar a vida!

Um final! Quase sem fôlego. Sequer se pode medir um quanto ainda se pode! Tempo todo! Um final tem uma cor de fantasia! Um sinal que não termina! Adorna e não compõe. Pinta e não tem cor. Solta um sopro que empurra o horizonte a frente cada vez que se quer agarrá-lo! Vontade de ir além! Além do limite! Mais um passo! Outro escorregão!

Um final sem chegada. Somente à partida dada até um dado quanto. Um quanto o corpo puder resistir. Um quanto se puder dançar. Mesmo que a música não toque! Que já não toque mais! Que jamais tenha tocado!

Um ponto. Sempre já. Sempre lá.  
Lá antes da linha. Não como pa-  
rada. Como partida. Põe-se.  
Ponto a espera de ser esticado.  
Tensionado um tanto. Ainda  
mais um pouco. Um tanto que  
irrompa em traços. Cada qual  
uma distância. Cada outro traje-  
to. Uma instância. Um ponto.  
Sempre lá. Catatônico. Em silên-  
cio. Desejoso. Ainda que de cos-  
tas para margem. Desejoso. Es-  
pera. A espreita. Cruzado com  
outros. Emaranhado. Ponto de  
entrada. Limite do limite. Final.  
Onde tudo começa. Outra vez.



tessitura criação escritura  
criatura ilimitada indefinida  
foge espreita dobra corta ex-  
plode continua vida viva  
continuum delir de um viver